

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – UFPR  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE TURISMO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PLANEJAMENTO E GESTÃO DO TURISMO

**O ESTUDO DA RESPONSABILIDADE SOCIAL NO TURISMO: um estudo  
multicaso em cursos superiores de Turismo**

**Autor: SAULO NEVES CASTRO DA RÓS**

Monografia apresentada a Universidade Federal do Paraná – UFPR, como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Planejamento e Gestão do Turismo, sob Orientação do Prof. Phd. José Manoel Gândara.

Curitiba, PR  
2007

Este trabalho é dedicado a minha família,  
por todo o apoio, carinho e dedicação.

# AGRADECIMENTOS

À Deus pelo dom da vida;

À minha família pela imensa dedicação, amor e carinho;

À todos os meus amigos que são tão importantes para mim;

Ao professor José Alves Gândara, pela orientação, paciência e compreensão e também pela amizade construída;

Ao nosso coordenador Miguel Bahl, praticamente um pai para nosso grupo;

Aos colegas de pós-graduação, pela simples existência deles;

À todos os mestres que clarearam meu caminho neste período, que atuaram como mensageiros da luz tão necessária para a vitória desta batalha.

“Anda, quero te dizer nenhum segredo, falo nesse chão da nossa casa, vem que tá na hora de arrumar. Tempo, quero viver mais duzentos anos, quero não ferir meu semelhante, nem por isso quero me ferir. Vamos precisar de todo mundo, pra banir do mundo a opressão, para construir a vida nova, vamos precisar de muito amor. A felicidade mora ao lado e quem não é tolo pode ver. A paz na Terra, amor. O pé na terra. A paz na Terra, amor. O sal da Terra és o mais bonito dos planetas, tão te maltratando por dinheiro, tu que és a nave nossa irmã. Canta, leva tua vida em harmonia, e nos alimenta com teus frutos, tu que és do homem a maçã. Vamos precisar de todo mundo, um mais um é sempre mais que dois, pra melhor juntar as nossas forças, é só repartir melhor o pão. Recriar o paraíso agora, para merecer quem vem depois. Deixa nascer o amor. Deixa fluir o amor. Deixa crescer o amor. Deixa viver o amor”

O Sal da Terra – Roupas Nova (Beto Guedes / Ronaldo Bastos)

## RESUMO

RÓS, Saulo Neves Castro Da. **O estudo da responsabilidade social no Turismo: um estudo multicaso em cursos superiores de Turismo.** Orientador: Prof. Phd José Manoel Gândara. Curitiba: UFPR, 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Planejamento e Gestão do Turismo).

O fenômeno turístico encontra-se ainda em fase de gestação de suas teorias e de seu ensino. Através de pesquisa histórica, este trabalho busca identificar o porquê da abrangência da visão econômica sobre a atividade, suas necessidades e sua realidade atual. O principal objetivo desta pesquisa é identificar como se caracteriza o estudo da responsabilidade social nos cursos superiores de Turismo. Uma busca conceitual sobre responsabilidade social e sua relação com a atividade turística torna-se um requisito para o alcance do mesmo. A subjetividade do tema, a não possibilidade de um panorama dos cursos de Turismo do país e a generalização do tema responsabilidade social sendo meramente corporativa, traduzem-se como limitações deste estudo. Esta pesquisa qualitativa com característica exploratória faz utilização do método indutivo. Este se concretiza no estudo multicaso realizado nos cursos de Turismo da FASSESC, UNICURITIBA e UFPR com questões abertas em entrevistas semi-estruturadas a integrantes da comunidade acadêmica do curso de Turismo. Foi utilizado o método de análise de conteúdo, unindo teoria, respostas e crítica. A necessidade de uma abordagem mais ampla sobre responsabilidade social é identificada e a necessidade atual de estudos sob o olhar consciente proposto ficam evidentes. Porém, ainda o tema ainda não é claro para muitos e este trabalho caracteriza-se também por uma introdução ao assunto. É identificada a necessidade de um freio para a postura meramente economicista dos profissionais da área e a Educação pode ser considerada como o único caminho para o alcance desenvolvimento responsável, ético e justo da humanidade, e por que não, da atividade turística.

**Palavras-chaves:** Turismo; Responsabilidade social; Ensino.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Tabela I - Características da desigualdade na distribuição de renda dos países que compõem o relatório do IDH constatados no ano de 2005.....	43
---	----

## SUMÁRIO

<b>RESUMO</b>	<b>9</b>
<b>ABSTRACT</b>	Erro! Indicador não definido.
<b>LISTA DE ILUSTRAÇÕES</b>	<b>6</b>
<b>1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b>	<b>9</b>
1.1 OBJETIVOS	11
1.1.1 Objetivo Geral	11
1.1.2 Objetivos Específicos	12
1.2 JUSTIFICATIVA	12
<b>2 DESENVOLVIMENTO</b>	<b>16</b>
2.1 MARCO TEÓRICO	16
2.1.1 Atividade turística	16
2.1.2 Fenômeno social X Indústria econômica	30
2.1.3 Responsabilidade social	34
2.1.4 Desigualdades sociais: a realidade brasileira.	40
2.1.5 O ensino do Turismo com responsabilidade social	47
2.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	53
2.3 DELINEAMENTO DA PESQUISA	56
2.3.1 Curso de Turismo da FASSESC	56
2.3.2 Curso de Turismo da UNICURTIBA	Erro! Indicador não definido.
2.3.3 Curso de Turismo da UFPR	Erro! Indicador não definido.
2.4 RESULTADOS	61
2.4.1 O estudo da responsabilidade social no turismo.	61
2.4.2 A importância da responsabilidade social nos cursos superiores de Turismo	63
2.4.3 Aspectos restritivos para a responsabilidade social nos cursos superiores de Turismo	65
2.4.4 Aspectos impulsionadores para a responsabilidade social nos cursos superiores de Turismo	67
2.4.5 Ações para a inclusão da responsabilidade social nos cursos superiores de Turismo	68
<b>3 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES</b>	<b>70</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>74</b>
<b>APÊNDICES</b>	<b>80</b>
<b>ANEXOS</b>	Erro! Indicador não definido.

# 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O turismo em suas vertentes (social, econômica e ambiental) propostas por este trabalho, é um fenômeno que se caracteriza pelo acompanhamento da evolução dos períodos temporais vividos pela sociedade. De acordo com Rós e Júnior (2005), por não se balizar como uma ciência com teorias gerais definidas, sua atividade e seu ensino vivem em constantes processos de transformação. Assim, suas características são moldadas pelo percurso do tempo e os movimentos existentes são advindos das necessidades criadas por essas diversificações externas da sociedade. Nesta linha de pensamento, Barreto (2005, p. 9) afirma que “o turismo não pode ser entendido fora do conceito de sociedade”, podendo também, ser entendido que a vertente social deste fenômeno se sobressai sobre as outras, por elas existirem em função desta.

Neste sentido, para se entender os acontecimentos ocorridos e os impactos causados pela atividade turística é fundamental que se entenda o momento que está vivendo a sociedade, a realidade atual e as necessidades decorrentes. Partindo deste pressuposto, torna-se possível identificar no fenômeno turístico o porquê de seu desenvolvimento ser algo tão preocupante para as autoridades, sendo cada vez mais importante o desenvolvimento ético, justo e sustentável deste fenômeno.

Através da análise da evolução da atividade turística desde seus primórdios desenvolvida neste trabalho, se tornou possível observar o surgimento e o crescimento desenfreado do desenvolvimento econômico e da visão mercadológica que circundam esta atividade. Estes fatores estão sendo os principais interlocutores entre academia, empresariados, poder público, turistas e autóctones, pois ambos estão sendo submetidos a



essas características marcantes deste período histórico denominado como pós-modernidade. Demonstrando o surgimento desta postura, Montoro (2003, p.18) afirma que desde o início do século XX, “define-se turismo como fenômeno a sobressair na economia. Relevante, acenou ao mundo na Inglaterra do século XVII, quando se percebeu que com as pessoas viajava o dinheiro”.

Diante destes estudos tornou-se possível obter a seguinte percepção de que, possuindo a economia como prioridade, o turismo se desenvolve como mais uma prática social não-sustentável como tantas outras desta sociedade globalizada. Beni (2003), afirma que, quando o fenômeno turístico é conduzido em função de seus benefícios econômicos entra em uma dinâmica especuladora que sacrifica a paisagem e pode arruinar a identidade das pessoas que pertencem à comunidade autóctone.

Portanto, em busca de soluções tangíveis e necessárias para o fenômeno turístico, o presente trabalho vem a esclarecer algumas dúvidas sobre o que é de fato a responsabilidade social. Esta é uma temática bastante discutida mas, que na maioria das vezes é obscura e sem distinção do seu real sentido, e principalmente, sem a prática do que falam. Esta necessidade surge a partir das problemáticas citadas e pelo atual ensino do Turismo ainda estar se acordando para tal realidade.

Se falar em realidade neste cenário brasileiro tornou-se uma questão que pode não agradar tanto os ouvintes. Talvez por isso algumas Instituições de Ensino Superior ignoram este fato, se esquivando de debates ou apenas passando por cima do assunto com abordagens que poderiam ser mais importantes para os alunos. O presente trabalho reúne algumas informações para fazer um pequeno demonstrativo de um grande, senão o maior problema nacional, que é o das desigualdades sociais. Assim, este trabalho visa demonstrar como o ensino do turismo com responsabilidade social pode ser importante para o desenvolvimento do país e de que maneira a educação desvinculada da realidade pode se tornar sem valor.

Visando relacionar os temas, adequar o ensino a realidade vivida e colocar em prática a teoria discutida, serão investigados os caminhos viáveis para a sensibilização dos estudantes de Turismo acerca da responsabilidade social.

Esta investigação tornou-se tangível através do desenvolvimento do estudo multicaso desenvolvido nas Faculdades Integradas Assesc – FASSESC, Centro Universitário Curitiba – UNICURITIBA e Universidade Federal do Paraná – UFPR, aonde foram entrevistados alunos(as) dos cursos de Turismo. Este estudo visa facilitar o processo da investigação em questão sair do papel e ser concretizada de uma maneira consciente, fundamentada e democrática, podendo se transformar em uma proposta.

Para o início desta reflexão, será destacada uma questão proposta por Krippendorf (2001, p.24) referente à maneira como tem sido desenvolvida a atividade turística no mundo globalizado: “é moralmente defensável a preocupação com a necessidade de descanso dos países industrializados, enquanto que, em outras regiões do globo, centenas de milhões de seres humanos enfrentam uma luta diária pela simples sobrevivência?”.

Desta maneira, como se caracteriza a responsabilidade social no ensino superior de Turismo?

## 1.1 OBJETIVOS

### 1.1.1 Objetivo Geral

Analisar como se caracteriza o estudo da responsabilidade social nos cursos superiores de Turismo da FASSESC, Faculdades Curitiba e UFPR.

### 1.1.2 Objetivos Específicos

- a) Identificar a importância da responsabilidade social para a atividade turística;
- b) Analisar o estudo da responsabilidade social nos cursos superiores de Turismo;
- c) Propor uma disciplina obrigatória de Responsabilidade Social para o curso superior de Turismo da FASSESC;

## 1.2 JUSTIFICATIVA

O presente trabalho tem como propósito analisar o processo evolutivo do fenômeno turístico relacionado com a evolução da humanidade e identificar o estágio atual deste fenômeno. É preciso reconhecer suas falhas para descobrir o caminho das soluções das mesmas. Este trabalho, através de seus objetivos, também procura se posicionar diante à postura economicista tomada por parte dos principais envolvidos no turismo, principalmente nos cursos de graduação. Sendo assim, o ser humano deixou de ser o fator principal desta “indústria”, sendo este, apenas mais uma mercadoria.

Neste sentido, Krippendorf (2001, p.20) diz que “a economia distanciou-se do ser humano, colocou-se acima deste e, de uma certa forma, apoderou-se de sua liberdade”. Portanto, foi identificada a necessidade de um “freio” para a crescente aceleração desta postura economicista, objetivando demonstrar que esta não pode ser uma atividade que se desenvolva sob um olhar absolutamente mercadológico, constituído apenas por produtores, vendedores e consumidores, pois estes, antes de serem envolvidos no mercado, são seres humanos. Barreto (2005) demonstra a importância de valorizar o “turista-pessoa” e não apenas o “turista-portador-de-dinheiro”, para a orientação a eles ser mais humanista e integral.

Uma visão mais humana do turismo tendo este como um fenômeno social não visa trazer ao reducionismo a economia ou excluí-la dos estudos, pelo contrário, o objetivo desta visão é dar a cada setor o que lhe for conveniente, e principalmente, enumerar as prioridades para um desenvolver consciente deste fenômeno. Sabendo que a atividade turística deve girar em torno do ser humano e não de outros fatores, torna-se clara a necessidade da priorização de um turismo socialmente responsável a ser desenvolvido.

“A inserção do ideal de desenvolvimento turístico alicerçado em responsabilidade social se acentuou no Brasil”. Esta foi a frase, escrita pelo Prof. Dr. Miguel Bahl, que deu início a Apresentação Geral do anais do CBTUR 2003. A realização do XXIII Congresso Brasileiro de Turismo no ano de 2003 em Recife, com o tema: “Responsabilidade Social: a visão dos estudantes de Turismo” é uma prova desta nova consciência que vem sendo gerada aos poucos nesta área. O livro que é composto pelos artigos publicados no evento pode ser considerado como uma ‘bíblia’ para o assunto. Iniciativas como esta, aspirando ao desenvolvimento social, tornam-se um marco de época para o turismo e seu ensino, estabelecendo novas visões, desenvolvendo o senso crítico dos envolvidos e chegando a metas e objetivos a serem traçados, ou até mesmo, a demonstração de projetos que já obtiveram o alcance do sucesso.

Portanto, fica clara a necessidade dessas teorias serem colocadas em prática, principalmente nos cursos superiores de turismo. Iniciativas como a realização do XXIII CBTUR, no ano de 2003, do IV Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul, no ano de 2006 em Caxias do Sul, com o tema “Turismo: Responsabilidade Social e Ambiental”, dentre outros, são identificam esta nova consciência que vem sendo gerada aos poucos nesta área.

Sendo assim, em um melhor discernimento da realidade nacional, não só dentro da atividade turística, a responsabilidade social deve ser uma prioridade a ser tratada. O Ensino Superior de Turismo deve se comprometer com essa responsabilidade através de sua essência,

tendo uma organização curricular dinâmica e diversificada. Dessa maneira, o turismo deve ser entendido não apenas como uma indústria econômica, mas principalmente como um fenômeno social, estando de acordo com Moesch (2002) quando afirma que embora alguns círculos, principalmente leigos, vejam o turismo apenas como “a indústria de viagens de prazer”, trata-se de um fenômeno que avança para além das questões comerciais e econômicas.

Dando continuidade a esta linha de pensamento e enfatizando o ensino do Turismo, a autora (2002, p.59) salienta que:

As práticas atuais do turismo obrigam uma revisão teórica, pois trazem dimensões ao conhecimento científico social: a dimensão subjetiva, até então negligenciada (por exemplo, os diversos atores com seus projetos, sujeitos, pós-modernidade) e a reconstrução da dimensão objetiva, igualmente importante (sociedade de informações, globalização, mundialização), que são essenciais, para a compreensão mais complexa do fenômeno.

Diante do explicitado e tendo em vista as necessidades que cercam a atividade turística, um estudo sobre a responsabilidade social no ensino superior de Turismo surge como um agente para o desenvolver deste tema, que é dado como necessário e essencial principalmente para os estudantes e bacharéis da área. De acordo com Araújo (2003), fica evidente a adequação e a necessidade de estudos que promovam o cruzamento de assuntos como a ética e a responsabilidade social com o turismo, que poderão servir também como fortes balizadores para todos os agentes interessados no crescimento das atividades humanas.

A autora ainda mostra que “é na universidade que os educadores têm, talvez, a última oportunidade de inculcar nos estudantes a importância dessa temática” (2003, p.103). Daí surge a real importância da responsabilidade social, que já deveria vir na bagagem de um ser social desde o berço, ser debatida nos cursos de graduação em Turismo, por ser esta uma fase essencial para a formação e o amadurecimento intelectual dos alunos. Xavier (2003, p. 84), mediante definição de estratégias que possam incorporar uma dimensão social na educação e na formação profissional do turismo, salienta o “papel da universidade que, através de seus

cursos de turismo, poderá desempenhar importante função, seja por suas atividades de ensino”.

Esta idéia surgiu perante o envolvimento do autor deste trabalho, durante seu período de graduação, com eventos ligados ao turismo, a percepção do mesmo sobre a atualidade e a importância do tema para sensibilizar os demais estudantes e bacharéis. O questionamento era: como desenvolver esta sensibilização? Com a realização do “1º Encontro Nacional de Turismo para a Inclusão Social” em Novembro de 2004, em Curitiba, um artigo com o título: “Proposta de inovações ao Ensino Superior de Turismo enfatizando o valor da responsabilidade social” foi publicado pelo autor, e que através de discussões e absorção de idéias, deu início a busca deste objetivo.

Portanto, na busca de um planejamento consciente para o futuro deste fenômeno, a responsabilidade social deve estar totalmente ligada às práticas do turismo e ao seu ensino. Uma atividade turística pode se considerar de qualidade não só quando se tem um bom lucro através dela, mas sim quando ela atende ao máximo de pessoas possíveis, sendo todas as partes beneficiadas, sem restrições. O estudo da responsabilidade social que está sendo proposto neste trabalho poderá ser um meio importante para o alcance deste objetivo, podendo ser dado ao turismo com responsabilidade social o seu devido e necessário valor.

## 2 DESENVOLVIMENTO

### 2.1 MARCO TEÓRICO

#### 2.1.1 Atividade turística

A evolução do turismo não é um objeto de estudo que exige tanta dedicação do pesquisador para o entender o porquê de seus acontecimentos, por ser este meramente comparável a evolução da sociedade. Neste sentido, da maneira em que o fenômeno turístico vem se desenvolvendo, ele acompanha as transformações sociais que ocorrem no planeta. Para Lage e Milone (1991, p.27) o surgimento da atividade turística, ou a prática de viajar

Sempre foi uma ação que se origina de um contexto dentro do qual está inserida a sociedade em um determinado momento histórico. Representa um dos elementos componentes da vida econômica e social dos homens no decorrer de cada época e para cada civilização.

De acordo com Yasoshima e Oliveira (2002, p.17), “a história das viagens confunde-se com a própria história da humanidade, pois os deslocamentos sempre acompanharam o desenvolvimento humano”.

Neste processo, em uma breve análise de alguns períodos históricos, são constatados os primórdios dos deslocamentos pelos homens pré-históricos, que viajavam em busca de provisões apenas por motivos de sobrevivência. A invenção da roda pode ser dada como um marco essencial para a facilitação destes deslocamentos, sendo que a partir desta descoberta o homem passou a transportar uma quantidade muito maior de cargas e economizar esforços desnecessários.

Já na antiguidade clássica, de acordo com (idem, ibidem) o principal fator de deslocamento era o comércio. De acordo com os autores, o desenvolvimento das viagens floresceu na antiga Grécia, mas atingiu seu apogeu em Roma. Foi neste período que o transporte se consolidou como um instrumento fundamental para os deslocamentos, existem como provas até os dias de hoje estradas romanas construídas naquela determinada época.

Na idade média a religião e a fé moviam multidões a lugares sagrados, dando uma grande movimentação ao turismo. Para (idem, ibidem: p.32) “a fé, que motivava o viajante, ocupava seu espírito e seu coração mais do que a paisagem. Era a emergência do turismo religioso coletivo que buscava não o prazer, mas a porta da eternidade”.

O renascimento foi marcado pelo *Grand Tour*, período em que jovens britânicos viajavam pela Europa em busca de um maior conhecimento científico já cobrado pela sociedade perante o florescimento das artes e da literatura, e o começo da moderna ciência. São diversos os autores que comentam que este foi o derradeiro período em que fazer turismo era algo reservado às elites, sendo este um processo de transformação visto até os dias atuais. Nota-se que a partir deste período mudanças semelhantes ocorriam na sociedade mundial. De acordo com Anderle (2005), nos séculos XVIII e XIX, as lutas se travaram pela liberdade individual (habeas corpus) e de organização e pelo direito ao voto: direitos civis e políticos, ou seja, cidadania civil e política.

Assim, é no século XIX, com as transformações provocadas pela Revolução Industrial desde o século XVIII, que se tem a consolidação do fenômeno turístico na sociedade. Rejowski, Yasoshima, Stigliano e Silveira (2002, p.41) afirmam que:

Alguns estudiosos denominam esse período, que se estende principalmente até o início do século XX, de turismo moderno ou organizado, pois foi nele que houve a implantação e o desenvolvimento da atividade turística como grande negócio, dentre os quais destacaram as transformações econômicas e sociais, e as novas tecnologias.



Molina (2003, p.24), demonstrando a evolução contínua do turismo moderno, afirma que, “o turismo industrial maduro acusa impressionante crescimento ininterrupto a partir da década de 1950, passando dos 25 milhões de turistas internacionais até mais de 600 milhões na década de 1990”. Moesch (2001) constata que o turismo nasceu e se desenvolveu com o capitalismo. Talvez por isso os economistas aproveitaram esta atividade para equilibrar a balança de pagamentos de vários países. Essa postura, emergente de uma cultura de mercado capitalista, de acordo com a autora, desconhece a essência do fenômeno turístico.

É interessante observar a postura das personalidades que se sobressaíram neste período e que são lembrados até os dias de hoje. De acordo com Rejowski, Yasoshima, Stigliano e Silveira (2002), o lendário Tomas Cook (1808-1892) começou a tratar as viagens por que acreditava que elas abriam a mente no processo de quebra de barreiras de classe e nacionalidades, para ele, todos, ricos e pobres, tinham o direito de viajar. Cezar Ritz (1850-1918) conhecido como o ‘Rei dos Hoteleiros e o Hoteleiro dos Reis’, estando de acordo com (idem, ibidem), possuiu este título pela sua atuação e principalmente “pela forma de tratamento tanto com os clientes quanto com o pessoal do hotel, com maior amabilidade, boas relações públicas e humanas”.

Neste sentido, o trabalho, e principalmente o trabalhador, já eram vistos sob outros olhares perante as autoridades. O escravismo não era mais uma unanimidade. De acordo com Anderle (2005), no século XX, a partir das lutas do movimento operário e sindical, foram conquistados os direitos sociais: ao trabalho, à saúde, à educação, etc., enfim, ao bem-estar social, à cidadania social. Neste sentido, de acordo com o autor, a Declaração Universal dos Direitos Humanos nasceu em 1948, depois de três anos de discussões entre representantes de 48 países (Estados-Membros da Assembléia Geral das Nações unidas), que unidos num acordo declararam ao mundo inteiro como todos os povos, organizações e governos deveriam

se comportar uns com os outros, tendo o objetivo de proteger a liberdade e a justiça das pessoas.

Chegando então, o turismo ao século XX, a evolução contínua é notável, obtendo apenas duas interrupções que abalaram toda a sociedade global: a primeira e a segunda guerra mundial. A atividade turística passou a ser reconhecida pelas autoridades por sua importância econômica.

Jafari (*apud* REJOWSKI; SOLHA, 2002, p.86), afirma que os estudos científicos relacionados à área surgiram no início do século em questão. Portanto, torna-se perceptível a postura economicista perante o fenômeno turístico obtida pelos envolvidos na área, e até mesmo, pela própria academia. Fuster (*apud* MOESCH, 2002, p.22), observa que “os economistas fizeram sua entrada na investigação do fenômeno turístico na metade do século XX, e o fizeram com tal fervor, que a economia turística é a que oferece maior bibliografia”.

Krippendorf (2001, p.68) reforça esta afirmação informando que:

A biblioteca do Instituto de Pesquisas Turísticas da Universidade de Berna possui mais de 4.000 volumes relativos ao lazer e às viagens e guarda milhares de outros manuscritos, dissertações e artigos de jornais. Quem consultar essa vasta documentação constatará rapidamente que a reflexão está quase sempre centrada no turista ou nos interesses da indústria que vive das viagens. Até o momento, a psicologia e a sociologia do turismo se voltaram exclusivamente para o turista. Ele é interrogado sobre suas impressões e seu comportamento é observado e analisado. Ele representa o mercado. Aliás, as enquetes sobre os mesmos são chamadas de pesquisas de mercado.

Trigo (*apud* MOSER, 2001, p.100) demonstra que:

Com o final da II Guerra Mundial e a despeito da Guerra Fria entre os blocos dos Estados Unidos e União Soviética, o turismo tornou-se uma prática muito comum nos países capitalistas desenvolvidos e países (então) socialistas com maior estabilidade econômica.

De acordo com Moesch (2002, p.09), a partir da década de 60, “o turismo evidentemente explodiu como atividade de lazer, envolvendo milhões de pessoas e

transformando-se em um fenômeno econômico, com lugar garantido dentro do mundo financeiro internacional”.

Gurría Di-Bella (*apud* TRIGO, 2003) afirma que, no período entre 1950 e 1973 – os países esgotados pelo conflito bélico buscavam, com a captação de divisas provenientes dos visitantes, um caminho para sua recuperação econômica. Assim, fomentavam e promoviam o turismo que se popularizava rapidamente. Solha (2002), afirma que somente na década de 1970 é que começaram a perceber os efeitos negativos do turismo, que não se mostrou mais tão promissor para todos os países. Porém, a autora (2002, p.134) também ressalta que no Brasil, assim como no resto do mundo, “em plena década do milagre econômico brasileiro, o turismo aparecia como atividade econômica do futuro, responsável pelo desenvolvimento do país”.

Neste período pôde-se notar que, com a consolidação do turismo no século XIX, o seu desenvolvimento econômico e sociocultural ficaram expostos à humanidade, mesmo que, ainda sob um olhar não tão consciente sobre sua magnitude e seus efeitos. Rejowski (2002) afirma que a partir do “boom” do turismo, que ocasionou sua exploração desenfreada e muitas vezes responsável, foi entre 1974 e 2000 que este assumiu progressivamente uma postura mais crítica e preocupada com a experiência turística. No entanto, fica claro que esta postura consciente ainda continua neste processo evolutivo e ainda é carente de soluções colocadas em prática para o desenvolvimento do turismo sustentável.

De acordo com Anderle (2005), na 2ª metade do século XX, numa 3ª geração de direitos, a conquista mundial se dá no sentido de assegurar direitos coletivos: à paz, ao desenvolvimento sustentável, ao meio ambiente, ou seja, à cidadania “republicana”. O autor afirma que há uma visível evolução da consciência dos direitos humanos na sociedade brasileira. Assim, é perceptível o acompanhamento do turismo na evolução da humanidade.

Então, o crescimento de graves problemas sociais e ambientais as últimas décadas fez com que surgisse uma maior consciência sobre os valores adotados pela sociedade, antes voltados apenas para interesses econômicos. Com a chegada do novo milênio, tem-se pensado mais sobre a importância da qualidade de vida, da proteção do meio ambiente e dos problemas ocasionados pelas grandes desigualdades sociais.

Somente a partir da década de 1970, entretanto, de acordo com Moraes (2004), é que a preocupação com os limites do crescimento, ou com a sustentabilidade do desenvolvimento, veio a ser discutida mundialmente. A autora relata alguns acontecimentos que de certa forma comprovam esta afirmação.

Em 1971, a organização ambiental Greenpeace foi fundada no Canadá. No mesmo ano, na Suíça, foi elaborado o relatório Founex por especialistas que afirmaram que o esgotamento ambiental, a pobreza e o subdesenvolvimento estavam sendo causados devido aos padrões de produção e de consumo dos países ricos.

No ano de 1972, em Estocolmo, houve o primeiro grande evento mundial sobre temática do desenvolvimento sustentável – a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, no qual a expressão foi adotada pela primeira vez. Esta conferência deu origem ao Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente.

Desta maneira, a tendência natural dos acontecimentos geraram um novo olhar sobre a sociedade, ou seja, também sobre a atividade turística. O surgimento de uma nova consciência sensibilizando os atores envolvidos na área tornou-se um objetivo alcançável, principalmente a partir da década de 1980, aonde, de acordo com Solha (2002, p.140) afirma que “o turismo começou a ser visto como uma atividade séria e profissional que não traz soluções imediatas para problemas estruturais, principalmente os econômicos”.

Em 1983, como informa Moraes (2004), a Assembléia Geral das Nações Unidas estabeleceu a Comissão Mundial para o Meio Ambiente e Desenvolvimento. O documento

intitulado Our Common Future (Nosso Futuro Comum) também conhecido como Relatório Brundtland, de 1987, criado pela comissão, promovia o conceito de desenvolvimento sustentado como um instrumento de salvação do planeta, colocando-o em primeiro plano.

Murphy (2001, p.189), compreende o desenvolvimento sustentado como o “desenvolvimento que atende as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das futuras gerações de satisfazerem as próprias necessidades”.

A atividade turística ao entrar na década de 1990 passa por uma reformulação de conceitos, bem como, o período em que vive a sociedade. Solha (2002) afirma que neste período duas forças se opõem: a sustentabilidade a globalização.

Trigo (2003, p.17) salienta que:

O século XXI surge com duas grandes forças se contrapondo: de um lado, as novas tecnologias, em uma revolução constante desde meados da década de 1970, empurram o mundo para uma globalização como nunca se viu no passado; de outro lado, as forças contrárias a essa globalização organizam-se para manter as necessárias garantias sociais e valores humanos tão arduamente conquistados ao longo das civilizações.

Ocorre, então, no Rio de Janeiro, em 1992, a Conferência Internacional das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento – a Eco 92 – com intuito de elaborar um programa de proteção ao meio ambiente e de promoção de um crescimento industrial menos destrutivo, substituindo o enfoque do crescimento econômico pelo do desenvolvimento sustentável. A Agenda 21 foi um dos acordos internacionais celebrados na ocasião. De acordo com a ONU, 1992 (*apud* DIAS, 2003, p.66), neste encontro ficou estabelecido que o desenvolvimento “deve ser exercido de modo a permitir que sejam atendidas eqüitativamente as necessidades ambientais e de desenvolvimento de gerações presentes e futuras”, para que seja sustentável.

A Fundação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável (FBDS), de acordo com Moraes (2004), foi constituída no mesmo ano, através da associação de 24 grandes grupos

empresariais, para implementar as convenções e os tratados aprovados na Eco 92. Esta é uma entidade sem fins lucrativos que elabora projetos de desenvolvimento sustentável. A FBDS foi a responsável pelo planejamento, coordenação e implementação da Conferência Internacional Rio + 5, realizada em 1997, na qual as questões sociais e éticas foram apontadas como essenciais para o alcance da sustentabilidade do planeta, podendo o presente trabalho ser um dos diversos instrumentos para o alcance deste objetivo maior.

Em 1997 foi criado o Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS), integrante da rede do Conselho Empresarial Mundial para o Desenvolvimento Sustentável (WBCSD, em inglês), uma coligação de executivos de mais de 160 empresas líderes mundiais, voltadas para os princípios da sustentabilidade.

Moraes (2004, p.35) descreve que:

O CEBDS atua junto a autoridades governamentais, defendendo os interesses do empresariado e contribuindo na consecução de políticas para o desenvolvimento sustentável do país. O Conselho criou câmaras temáticas para pôr em prática suas ações, entre elas a de Ecoeficiência e Produção Mais Limpa e a de Responsabilidade Social Corporativa. Seu principal objetivo consiste na divulgação de boas práticas sustentáveis e na conscientização do setor privado quanto ao seu papel social. Hoje, o CEBDS representa 60 grandes grupos empresariais, responsáveis por mais de 30% do PIB nacional, que representam em torno de 450 unidades produtivas de diversas atividades.

Em 1998 grupos ambientais e ativistas do movimento social realizaram grandes protestos contra o Fórum econômico Mundial, que veio a ser realmente confrontado a partir do ano de 2001 com a primeira edição do Fórum Social Mundial, em Porto Alegre.

Já em 1999, foi lançado o Índice Global de Sustentabilidade, conhecido como Índice Dow Jones de sustentabilidade, um instrumento para investidores que buscam aplicações baseadas em critérios sustentáveis. Segundo Moraes (2004), neste mesmo ano, ativistas protestaram contra os efeitos negativos da globalização e do crescimento das multinacionais na Terceira Conferência da Organização Mundial do Comércio, em Seattle, Washington, assinalando uma nova era de desacordos entre os diversos atores sociais.

Neste mesmo ano foi lançado pela Organização Mundial do Turismo o Código Mundial de Ética do Turismo, um documento que surgiu para ser um marco na atividade turística e na sociedade como uma preparação para o novo milênio. De acordo com Francesco Frangialli, Secretário Geral da OMT em exercício na data desta publicação, o Código de Ética surgiu após uma detalhada seleção de documentos e pesquisas, alguns citados neste trabalho, e eleitos por unanimidade pela comissão responsável. Este documento encontra-se anexado a este trabalho, pela relevância do assunto, servindo até como uma justificativa para o mesmo, e para fazer uma demonstração desta nova consciência que permeia o turismo (ver anexo 01).

Este código é desconhecido por grande parte dos estudantes e bacharéis da área e deveria ser mais divulgado, até mesmo para a construção de um novo olhar sobre a atividade turística. Com o código também foi instituído o Comitê Mundial de Ética do Turismo, destinado a resolver os litígios relacionados a sua aplicação ou interpretação, sendo este, também desconhecido por muitos.

No ano de 2002, dando continuidade a esta conscientização notável, aconteceu a Conferência Mundial Rio + 10 em Joanesburgo, onde foi reafirmada a noção de que fatores sociais e ambientais não são dissociáveis. A comissão brasileira também contou com a participação do CEBDS nesta conferência. A Comissão organizadora do Manifesto do Fórum preparatório para o Rio + 10 afirmou que<sup>1</sup>:

É preciso que haja a retomada de valores éticos que afirmem uma cultura de paz, diálogo e tolerância e que coloquem a fraternidade, a solidariedade e a alteridade como elementos centrais nas relações sociais e ambientais. A retomada destes valores deve estar articulada com a luta política pela democracia e abertura de novos espaços e mecanismos concretos de inclusão e participação. As estratégias ambientais são indissociáveis da luta contra as enormes desigualdades e injustiças na relação entre países, seres humanos e regiões do planeta.

Em Joanesburgo, foram apontados como objetivos fundamentais e requisitos essenciais do desenvolvimento sustentável a erradicação da pobreza, a mudança dos padrões

---

<sup>1</sup> Informações contidas no site: <http://geocities.yahoo.com.br/climabrasil/resources/forumrio.htm>.

atuais de consumo e de produção, além da proteção e da utilização consciente dos recursos naturais.

Irving e Azevedo (2002, p.35) acreditam que o desenvolvimento sustentável

Implica um novo paradigma do pensar as sociedades humanas segundo uma nova ética de democratização de oportunidades e justiça social, percepção das diferenças como elemento norteador do planejamento, compreensão da dinâmica de códigos e valores culturais e compromisso global com a conservação de recursos naturais.

Os eixos fundamentais do conceito de sustentabilidade são, portanto, o crescimento econômico, a preservação ambiental e a equidade social, sendo reafirmado através da citação acima que a sociedade deve ser tomada como prioridade, ou seja, as necessidades sociais devem sobressair-se. Uma análise de projetos descritos oficialmente como sustentáveis na área do turismo, realizada por Luchiari (*apud* BARRETO, 2005, p.27), revela que “a sustentabilidade ambiental tem sido respeitada a fim de viabilizar a sustentabilidade econômica; em outras palavras, conserva-se a natureza porque se vende bem como atrativo turístico, mas não há preocupação com a sustentabilidade social”.

De acordo com a Organização Mundial do Turismo (1994, p.11), “a sustentabilidade social e cultural assegura que o desenvolvimento aumenta o controle das pessoas sobre as suas vidas, é compatível com a cultura e os valores morais do povo por ele afetado e que mantém e fortalece a identidade da comunidade”.

Sachs (*apud* SAMPAIO, 2001, p.122) Sustentabilidade social é

A criação de um processo de desenvolvimento civilizatório baseado no *ser* e que seja sustentado por uma maior equidade na distribuição do *ter*, nos direitos e nas condições das amplas massas da população, e achatar a distância entre os padrões de vida dos mais ricos e mais pobres.

De acordo com Castro (2003, p.328), na relação da atividade turística com o desenvolvimento sustentável:

Turismo sustentável significa turismo de igualdade do ponto de vista social. Ele não pode existir se somente o meio ambiente puder ser protegido negando-se os direitos humanos dos habitantes. Turismo sustentável quer dizer justiça.



Sendo assim, é possível constatar na sociedade mundial que há realmente uma evolução de consciência, neste caso, socialmente responsável. No entanto, o turismo do novo milênio traz na “bagagem” suas caracterizações advindas dos séculos passados, mas que agora se encontra em uma realidade distante de outros momentos vividos. É importante observar, como demonstra Molina (2003, contra-cap), que:

O século 21 começou com um aumento da instabilidade global que afetou diversas sociedades e sistemas produtivos, entre eles o turismo. Terrorismo, crises econômicas, movimentos sociais e novas tecnologias estão transformando esse importante fenômeno social e econômico [...] diante das dificuldades conjunturais que transformam o planeta, novas soluções são necessárias. É urgente que profissionais, planejadores, estudantes e críticos do turismo compreendam as novas configurações para que o turismo continue sendo uma atividade fundamental neste século, mas com características diferenciadas e propostas inéditas.

Netto e Trigo (2003, p.47) afirmam que o turismo “é uma das claras expressões materializadas da pós-modernidade, por isso é alvo daqueles que são contra o progresso ou contra as perversões da globalização”. E demonstram a dificuldade de se “estabelecerem tendências e cenários para o turismo no planeta devido à rapidez com que o pensamento e as ações da sociedade vêm se desenvolvendo”. É perceptível que na atualidade os valores sociais são superados em pouco tempo; a opinião pública força ações inesperadas dos governantes; radicais promovem ações terroristas em símbolos mundiais; a globalização invade a casa de ricos e pobres e dá novo e dúbio ritmo social.

Molina (2003, p.45), denomina este período atual do turismo na chamada pós-modernidade como o “pós-turismo”, sendo uma nova era da informação, da tecnologia e do conhecimento que ultrapassou as barreiras da modernidade, e sinaliza que:

O pós-turismo representa uma transformação radical [...] o termo, que não é sinônimo de desastre, implica uma mudança dramática no comportamento de uma atividade, de maneira que depois desta, surge uma estrutura e uma funcionalidade diferentes das anteriormente conhecidas.

Ainda sendo realista e alertando aos devidos responsáveis, Molina (2003, p.56) diz que há que se reconhecer que “o pós-turismo, como todo processo de mudança, produzirá desigualdades econômicas, sociais, tecnológicas e produtivas”.

Krippendorf (2001, p.16), alguns anos antes deste “alerta”, já mostrava que:

De um certo tempo para cá, entrou um pouco de areia nas engrenagens dessa máquina enorme que é o turismo. O que parecia funcionar tão bem continua a andar, mas o mecanismo não está mais tão lubrificado e tranquilo. De todos os lados, surgem interrogações: qual a razão de tudo isso, para onde nos levará? Tudo indica que a fuga das cidades grandes e o turismo sob a forma atual não constituem, no final, uma terapia verdadeira, e não há perspectivas para isso. Contudo, muitos são ainda os despreocupados que dão continuidade ao processo, sem mudá-lo em nada, de acordo com o lema: cada vez mais, cada vez maior, cada vez mais rápido, cada vez mais longe.

O fenômeno turístico necessita de bons dirigentes, de acordo com os caminhos guiados por sua direção é que poderão ser definidos os impactos que serão causados na sociedade. Essa direção caberá principalmente ao Estado, aos profissionais e à academia, por serem os responsáveis pela sensibilização da comunidade e dos turistas.

Buscando uma demonstração da importância do bom funcionamento da atividade turística, Dias (2002, p.11) afirma que do ponto de vista sociológico, o fenômeno turístico desperta interesse por vários motivos:

[...] causa forte impacto nos indivíduos e grupos familiares que se deslocam, provoca mudanças no comportamento das pessoas e agrega conhecimento àqueles que o praticam, permite comparação entre diversas culturas, contribui para o fortalecimento da identidade grupal, é um meio de difusão de novas práticas sociais e aumenta perspectivas de obtenção da paz pela compreensão e aceitação das diferenças culturais. Contribui, ainda, para a formação e a educação daqueles que o praticam.

De acordo com Moesch (2000, p.13):

Uma combinação complexa de inter-relacionamentos entre produção e serviços, em cuja composição integram-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais. O somatório desta dinâmica sociocultural gera um fenômeno recheado de objetividade-subjetividade, consumido por milhões de pessoas, como síntese: o produto turístico.

Porém, como já foi citado, perante uma “má condução” dos dirigentes do fenômeno turístico, o mesmo ficará sujeito a alguns impactos não benéficos para os diversos envolvidos. De acordo com Araújo (2003), resumidamente os aspectos negativos decorrentes dos fluxos turísticos se dividem em:

- 1- Danos culturais e sociais às comunidades anfitriãs;
- 2- Alteração do caráter dessas populações;
- 3- Concentração dos benefícios econômicos gerados por essas atividades (a maioria dos salários pagos é muito baixa e, em algumas situações, muito pouco do dinheiro gasto pelos turistas permanece nos sítios turísticos);
- 4- Degeneração ambiental;
- 5- Estímulo ao desenvolvimento de um novo colonialismo;
- 6- Aversão a estrangeiros ou xenofobia.

Dias (2003), sob um olhar direcionado aos aspectos humanísticos, estabelece três categorias diferentes relacionadas aos impactos socioculturais causados pelo turismo:

- 1- o turista, do qual estudos demonstram as ramificações da demanda de serviços turísticos e as motivações, atitudes e expectativas que apresenta;
- 2- o residente, que enfatiza o papel jogado como aquele que oferece o serviço ao turista e de “organizador” local do sistema;
- 3- a intervenção turista-anfitrião, no que diz respeito à natureza do contato entre os envolvidos e suas conseqüências.

Partindo deste pressuposto de ser o turismo uma atividade mundial que gera impactos positivos ou negativos nas sociedades emissoras ou receptoras de turistas, engrandece a responsabilidade dos organizadores deste movimento, por este ser nada mais do que um reflexo da sociedade.

Barreto (2005, p.85) analisa que:

O turismo é um fenômeno social que reproduz e reflete os problemas da sociedade em que é praticado, da política econômica, das políticas públicas na área da educação e da saúde, da política trabalhista, da (in)justiça distributiva, enfim, do modelo econômico e político que essa sociedade escolheu [...] Nos lugares que o turismo é um sucesso, também outros aspectos da vida social e econômica o são.

Desta maneira, o fenômeno turístico sempre será caracterizado pelos moldes da sociedade, por não ser um dos dirigentes, e sim, parte desta. Solha (2002, p.138) ressalta que “é uma atividade que parece bastante promissora, mas que também é muito sensível às mudanças externas”. Portanto, é possível se dizer que enquanto houver problemas políticos, sociais ou econômicos na sociedade, o turismo estará “contracenando” com esta realidade.

Segundo Barreto (*apud* MENDONÇA; IRVING, 2004), analisar o fenômeno turístico no mundo contemporâneo, com os olhos das ciências sociais, leva a algumas reflexões não muito confortáveis sobre o papel e a atuação desta atividade econômica nas questões emergenciais do país. Portanto, neste novo momento torna-se essencial que se estabeleçam as prioridades com cada envolvido ocupando os seus devidos lugares e recebendo as devidas responsabilidades para que o turismo se torne de caráter definitivamente responsável pela sociedade, e não pelos interesses econômicos de alguns poucos privilegiados.

Krippendorf (2001, p.137), exercendo um papel futurista, diz que “a esperança da mutação para o turismo melhor já se avista no horizonte, mas ninguém sabe se será transformada em realidade”. Sendo assim, o autor recomenda que cabe propiciar às pessoas envolvidas o sentimento de que estão realmente envolvidas e ajudá-las a desenvolver um espírito crítico, sendo esta, uma das propostas deste trabalho.

Em relação à sociedade pós-industrial, Trigo (2003, p.21) afirma que surge a necessidade premente de ética, de justiça social, de compreensão das novas culturas e, especialmente, de compreender o que o surgimento e o desenvolvimento sistemático das novas tecnologias influenciam neste processo. O autor ainda afirma que se não dá para prever o futuro, é possível ao menos tentar compreender o presente.

Barreto (1995, p.09) afirma que, “há ainda um longo e difícil caminho a percorrer para que o turismo realize os benefícios sociais para os quais tem potencial”. De acordo com Molina (2003, p.55) “a viagem talvez esteja apenas começando”.

Portanto, através desta análise pôde-se constatar em alguns momentos da história deste fenômeno, a economia foi tomada como prioridade. O que acontece nos dias atuais não é diferente. Alguns autores demonstram este fato e é possível observar que nos impactos negativos causados pelo turismo, alguns já citados, sempre são encontrados aspectos desta natureza. Sendo assim, será aprofundado o tema para ser demonstrada a real essência do turismo como fenômeno social, colocando que a economia do turismo é muito importante, porém não pode ser dada como o resumo desta atividade mundial.

### **2.1.2 Fenômeno social X Indústria econômica**

Esta é uma temática bastante discutida no âmbito do turismo e seu ensino, sendo que, os mais conceituados autores e pesquisadores da atividade não possuem um consenso. O turismo é uma atividade que ainda vive seus momentos de conceituação, e o entendimento de cada um sempre estará servindo como contribuição para agregar valores.

O importante é desenvolver uma visão geral do assunto e saber que pra se falar de atividade turística é preciso conhecê-la sobre sua amplitude e possuir o cuidado para não reduzi-la a apenas uma de suas vertentes ou áreas. De acordo com Rós e Júnior (2005), são inúmeras as novas contribuições para os estudos do turismo, buscando entendê-lo, mas elas estão desunidas, principalmente na relação entre o processo humano e o mercadológico.

O que tem acontecido demasiadamente por parte dos envolvidos e até mesmo dos professores é uma postura demasiadamente economicista, tratando do turismo meramente como uma indústria econômica. Neste trabalho não será negada essa hipótese nem o valor que

o fenômeno turístico tem para economia e “vice-versa”, porém, torna-se necessário neste momento que se estabeleçam as prioridades.

Analisando a essência do turismo é possível afirmar que este é um fenômeno social, pois como afirma Moser (2001, p.28), “serviços turísticos são disponibilizados por pessoas, para pessoas”. Para Moesch (2000, p.15) o “turismo é processo humano, ultrapassa o entendimento como função de um sistema econômico”.

O que acontece, como afirma Krippendorf (2001), é que a economia reina, soberana, em nossa civilização. Ela é, ao mesmo tempo, a força motora, o fim e o meio. Ela dita a conduta a adotar. A exploração dos recursos naturais, a escala de valores do homem e a política do Estado caíram sob seu domínio e a ela estão subordinados. Diante do exposto, o autor expõe algumas indagações, das quais a mais relevante é a seguinte: É necessário sacrificar o bem-estar do homem e do meio ambiente em nome do bom funcionamento da economia?

Moesch (2001) ainda revela a que se os governos lhe concedem a máxima importância e os financiadores se lançam a promover empresas turísticas, é porque, em primeiro lugar, o turismo tem se revelado como potente força econômica.

Barreto (*apud* MONTORO, 2001) ressalta que o turismo é um movimento de pessoas, é um fenômeno que envolve, antes de mais nada, gente. É um ramo das ciências sociais e não das ciências econômicas e transcende a esfera das meras relações da balança comercial.

Para Moesch (2002, p.9):

O país receptor entende o turismo como uma “indústria”, cujos produtos serão consumidos no próprio local de produção, mas também gerando exportações invisíveis [...] para uma grande parte dos autores da área do turismo, este é concebido como um *produto*, pois satisfaz necessidades humanas.

Em concordância com a autora, não mencionando tais autores como certos ou errados, e sim, sabendo que o turismo deve atender a diversos conceitos, pois esta é uma área multidisciplinar muito ampla, podemos perceber que no aceite desses modelos teóricos os

turistas serão mercadorias, mas que possuem algumas necessidades, que caberão aos outros agentes envolvidos de satisfazê-las. Tudo funcionará como um mercado. A autora ainda diz que se o Turismo passa a ser uma parte de um todo: o sistema econômico, este é, portanto, tomado como um subsistema produtivo. A partir deste pressuposto é que surgirá a real necessidade de uma visão mais “conservadora”, realista e atenciosa aos agentes sociais do turismo, ou seja, o entendimento deste como sendo um fenômeno social.

De acordo com Araújo (2003, p.80):

De fato, vislumbra-se o surgimento de uma concepção diferenciada de desenvolvimento turístico [...] que visa ao equilíbrio de oportunidades, isto é, não abdica do desenvolvimento econômico, tentando, sim, adaptá-lo a essa nova perspectiva, que se inspira também na crença de que todos os atores envolvidos são responsáveis pela evolução e/ou fortalecimento de um destino turístico.

Desenvolvimento, no ponto de vista econômico, de acordo com Lemos (2001, p.51) “é o aumento do PIB *per capita*, acompanhado pela melhoria de vida da população e por alterações fundamentais na estrutura de sua economia”.

Neste sentido, Rós (2004) defende que êxitos econômicos e compromissos sociais deverão caminhar juntos rumo a uma melhor qualidade de vida do ser humano e do planeta, ficando claro que a atividade turística é ambígua e diversificada, devendo ser tratada de maneira ampla e com estabelecimento de prioridades.

No sentido de não trazer esta relação entre turismo e economia ao reducionismo, Krippendorf (2001) demonstra nossa economia, por sua vez, também necessita do turismo, que lhe propicia energia e regenera mão-de-obra. Não teria sido essa uma das razões pelas quais, afinal, concedeu-se mais tempo livre aos trabalhadores? O autor ainda afirma que (2001, p.16), “o turismo funciona como terapia da sociedade, como válvula que faz manter o funcionamento do mundo de todos os dias. Ele exerce um efeito estabilizador não apenas sobre o indivíduo, mas também sobre toda a sociedade e a economia”.

Jost Krippendorf (2001), um Doutor em Ciências Econômicas, afirmou que é preciso, pois, que a economia descentralize novamente, o que o sistema de valores do homem e da sociedade volte a acentuar mais o “ser” do que o “ter”. Porém, o autor procura esclarecer que é pouco provável que o sistema reorientar-se e reequilibre-se por si próprio nessa direção. Ele completa dizendo que se alguém quiser que alguma coisa se mova, é importante que todos os protagonistas que têm participação intervenham ativamente criando certos bloqueios, freando a velocidade do desenvolvimento e influenciando as estruturas.

Moesch (2002, p.13) afirma que na realidade, no turismo, o epicentro do fenômeno é de caráter humano, pois são os homens que se deslocam, e não as mercadorias, o que impõe complexidades ao esforço de uma argumentação sistemática dessa realidade.

Na afirmativa da atividade turística sendo um fenômeno social, Dias (2003, p.30) diz que na realidade, o turismo cumpre o papel maior de humanizar o relacionamento global dos indivíduos que habitam o planeta, a razão do ser do turismo, a busca do exótico, do diferente. Nada mais é que a busca do homem por conhecer a si mesmo.

De acordo com Trigo, (2003, p.57), “entende-se fenômeno, aqui, como aquilo que é dado ao conhecimento do intelecto. Eis a razão pela qual alguns autores definem o turismo como um fenômeno que envolve os aspectos social, cultural, psicológico, econômico, etc.”

Sendo assim, é perceptível que nesse processo de amadurecimento da área a atividade turística ainda precisa se desprender de algumas de suas origens industriais capitalistas e se adaptar aos modelos que são necessários para a sociedade atual, no caso, à realidade brasileira. Para se obter a concepção do turismo como fenômeno social é necessário que se dê a responsabilidade social o seu devido valor.

Portanto, na continuação deste trabalho será desenvolvida essa temática visando esclarecer o assunto que ainda, assim como o turismo, é muito polêmico na sociedade e não possui uma conceituação geral definida. O importante é saber a relevância do mesmo e a



necessidade decorrente que se tem do aprofundamento do mesmo, para o turismo e para a humanidade em geral.

### 2.1.3 Responsabilidade social

O interesse pela responsabilidade social nos últimos anos, quer como conceito ou prática, vem crescendo à medida que os problemas sociais tornam-se mais aparentes. Tendo em vista os fenômenos naturais que provocaram diversos impactos no planeta no ano de 2005, como o *Tsunami* e o furacão *Katrina*, foi possível identificar duas posturas diferenciadas para cada situação.

Perante a destruição causada pelo primeiro fenômeno citado, as autoridades políticas locais responsáveis imediatamente mobilizaram-se para salvar as pessoas e os locais atingidos, o que contagiou pessoas e entidades do mundo inteiro através desta missão de solidariedade.

Já em New Orleans (EUA), o que foi demonstrado pelo governo após a passagem do furacão “Katrina” foi uma certa “frieza” perante aos danos causados na sociedade, refletindo assim, em revoltas lideradas por membros da comunidade local, com ondas de saques e vandalismo a pessoas, estabelecimentos comerciais e residências. O mundo ficou chocado com tal atitude do governo americano.

É visto, portanto, que em cada atividade existem os principais responsáveis, de acordo com os exemplos citados, sendo no caso do turismo, a comunidade acadêmica responsável por desenvolver o início desta sensibilização para todos os envolvidos na atividade. É importante ressaltar que esta nova postura também vem sendo cobrada pelo mercado, tornando-se um diferencial para os profissionais, porém deve ser priorizada a questão dos valores humanos, e não apenas os mercadológicos.

Abreu (2004, p.213) ressalta que:

A responsabilidade social passa pelo turismo consciente, representado pela sustentabilidade ambiental, natural e cultural. Essa consciência é responsabilidade de todos os envolvidos na atividade do turismo, seja direta ou indiretamente. Órgãos públicos, iniciativa privada, população local e turistas são todos personagens fundamentais no turismo com responsabilidade social.

Neste sentido, a responsabilidade social possui um caráter essencial para a formação de verdadeiros cidadãos e verdadeiras lideranças para a construção de uma sociedade amparada pelos pilares da ética, da justiça e da dignidade cidadã. Responsabilidade social é na maioria das vezes difundida pelas faculdades e pelos mais diversos autores abrangendo um conceito corporativo, porém, Litwinski e Carneiro (2004) demonstram que se faz necessário abordar um sentido mais amplo de responsabilidade social, não se limitando apenas a aplicação empresarial.

Para Zermani, Cruz e Wöhlke (2004, p.784), a responsabilidade social “ultrapassa a simples mecânica de ajuda a carências da sociedade para manter a ‘boa fama’ de algumas empresas, devendo ser vivenciada realmente, todos os dias em todas as ações”. Ou seja, responsabilidade social não é estratégia de *marketing* que aprecia somente o desenvolvimento econômico, esta deve ser vista como um valor agregado ao sentimento de humanismo das pessoas, acompanhando-as aonde quer que estejam.

A responsabilidade social está se tornando um diferencial competitivo. Com isso, as empresas começam a assumir uma postura voltada para a disseminação de valores éticos e para a busca contínua de melhorias internas e resultados baseados em um “código de ética” que considera todos os públicos com os quais se relacionam, sendo que, a ética pressupõe uma certa limitação da liberdade individual em prol da liberdade coletiva da sociedade.

Para Nociolini (*apud* PINTO, 2004, p.580):

O termo (responsabilidade social) é um termo brilhante. Ele significa algo, mas nem sempre a mesma coisa, para todos. Para alguns, ele significa um comportamento responsável no sentido ético, para outros, ainda, o significado transmitido é o de responsável por um modo de causa. Muitos simplesmente equiparam-no a uma contribuição caridosa: outros tomam-no pelo sentido de socialmente consciente;

muitos daqueles que o defendem fervorosamente vêem-no como simples sinônimo de legitimidade [...]; uns poucos vêem-no como uma espécie de dever fiduciário, impondo aos administradores de empresas padrões mais altos de comportamento que aqueles impostos aos cidadãos em geral.

Continuando com a afirmação, Oliveira (2002) afirma que não existe um conceito preciso sobre responsabilidade social, o que possibilita a existência de várias formas de compreensão sobre o assunto.

No entanto, Moraes (2004, p.16) demonstra que “a questão da responsabilidade social insere-se em um universo mais amplo que é o da ética e da cidadania”. De acordo com Aulete (1980), os significados das palavras são: **responsabilidade**, s. f. Obrigação de responder pelos seus atos ou pelos atos de outrem; **social**, adj. Da sociedade ou relativo a ela.

Se esta expressão (responsabilidade social) for analisada pelo significado de suas palavras constituintes, poderá ser definida como: o ato de um ser humano se responsabilizar por toda uma sociedade. E tendo em vista a união das palavras e o poder da expressão, é possível completar esse ato também sendo: o de toda uma sociedade se responsabilizar por um ser humano. Resumindo: é como o velho ditado: um por todos e todos por um.

Poderia se explicar como uma dívida que cada pessoa possui perante o outro, em pagamento ao direito da cidadania. De acordo com Anderle, (2005, p.03) “a cidadania é o direito de ter direitos e a igualdade é o princípio fundamental da cidadania. É garantia de inclusão política e social”.

Demonstrando a ampla abrangência do termo, Bernhardt (2001, p.19) explica que a responsabilidade social “se divide como a contribuição para a qualidade de vida da comunidade (responsabilidade discricionária), deve fazer o que é correto (responsabilidade ética) e obedecer a lei (responsabilidade legal)”.

Desta maneira, vale mencionar Araújo (2003), quando a pesquisadora faz menção a um artigo de Linda A. Kidwell, que relata o desenvolvimento de um projeto conduzido junto a

estudantes universitários da Universidade de Niágara, com o propósito de elaborar um Código de Honra para os estudantes da referida instituição.

Com base nesse estudo, a autora identificou que muitos universitários das áreas de negócios não encaravam certas práticas fraudulentas como incorretas. Isso reflete, segundo a autora, o estado atual de nossa sociedade, na qual a distinção entre o certo e errado tornou-se cada vez mais tênue, sendo que em determinadas ocasiões, há a expectativa de que as próprias lideranças pratiquem condutas antiéticas. De acordo com a referida pesquisadora, essa situação expõe os educadores a um grande desafio, a saber: incutir em seus alunos a percepção da relevância dos princípios éticos e responsáveis, como orientadores de suas práticas futuras.

Luz (2004, p.98) afirma que desenvolver a atividade de maneira ética e socialmente responsável tem duas perspectivas básicas: “a primeira refere-se à forma de interferência do profissional em Turismo no meio social enquanto que a segunda refere-se à postura empreendedora e empresarial do profissional em questão”. Sendo assim, é feita a união do útil ao agradável, formando valores e ao mesmo tempo, bons empreendedores. Formando universitários conscientes, torna-se possível se ter uma expectativa maior com relação às futuras empresas onde estes irão atuar.

De acordo com Uenoyama (2004, p.04), é vital que:

Além de conscientizar o empresariado turístico, o turismólogo atue de maneira crítica, contribuindo para que a atividade turística seja realizada com base no cumprimento das responsabilidades sociais e do meio ambiente, e não apenas para atender meramente um contrato comercial.

Aguiar (2004, p.387) expõe que:

O setor turístico deveria ser o que mais desse atenção para a prática da Responsabilidade Social, pois pela lógica, só depois de sanadas as necessidades básicas da sociedade é que pode haver a prática do turismo, apesar de hoje mesmo já ser considerado juntamente com a prática de lazer na qual se insere como fator que atesta a qualidade de vida do cidadão.

Em um século que se iniciou com barbáries cenas de ataques terroristas em 11 de Setembro de 2001 nos EUA; em 11 de Março de 2002 em Madrid; com nações se confrontando e o início de mais uma guerra no Oriente Médio; em 2004 com arrastões nas praias do Rio de Janeiro envolvendo turistas estrangeiros; em 2005 com ataques e revoltas em Paris; e dentre tantas outras barbaridades que são vistas em pleno século 21, torna-se necessária uma reflexão por parte dos responsáveis pela atividade turística. É papel de seus dirigentes questionar: como o Turismo pode ser um aliado para se construir uma paz no mundo? Será que é correto o turismo só refletir a imagem de países confrontando barreiras para bombardear outras nações? Deve se haver uma sensibilização? Por onde começar?

Esta identificação de uma postura socialmente responsável perante a sociedade, talvez na maioria das vezes, infelizmente, só pode ser identificada e observada diante de acontecimentos alarmantes de grande porte, como os já citados. No turismo não é diferente. Tal constatação demonstra claramente a importância que deve ser dada à educação social e à formação de agentes socialmente responsáveis, em qualquer canto do planeta. Para Rós e Júnior (2005), esta educação pode se tornar diferenciada pelas diversas culturas existentes, em níveis de ensino e aprendizagem, mas que o objetivo a ser alcançado, que é a paz entre os homens, é universal.

Portanto, através da realidade demonstrada que se tem de se ir além dos discursos e colocar em prática os valores citados, o presente trabalho estará trazendo uma proposta para unir os temas: Turismo e Responsabilidade Social. Esta proposta terá como alvo os alunos dos Cursos Superiores de Turismo, por serem os futuros profissionais da área e os responsáveis por representar o fenômeno turístico na sociedade.

Mas antes, será demonstrada a real necessidade de ser tratado esse tema nos bancos das faculdades de Turismo, se dando esse fato ao motivo do Brasil não ser exemplo para país algum no que se diz respeito a desigualdades sociais. No próximo tópico será exibido um

breve diagnóstico da realidade brasileira e seus problemas sociais. Daí surge a necessidade de discussão desta temática

Luz (2004, p.98), demonstra que:

A situação da educação brasileira com todos os avanços, todos os progressos e reformas, ainda necessita evoluir, uma vez que, tentativas para adaptação de modelos educacionais completamente distantes da nossa realidade nunca deram e nem darão certo.

A Lei 9.394<sup>1</sup>, de 20 de Dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) no Artigo 43, Inciso VI, demonstra que compete ao Ensino Superior: “estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade”.

É importante ressaltar que o conhecimento e a ciência de nada valerão se não estiverem amparados pela sabedoria, sendo que, esta é a porta que se abre para a prática, que se torna necessária para o processo de consolidação da teoria. No caso do Turismo é dada essa importância a valorização do estudo da atual realidade brasileira, principalmente dos problemas sociais e em como encontrar soluções para os mesmos. Moesch (2001, p.22), alerta que “o objetivo da ciência, no cenário pós-moderno, não é mais a busca da verdade. O seu eixo passa a ser a busca do poder”.

Becker (1995, p.37) afirma que se o ensino é visto como “mera passagem de um conteúdo historicamente acrítico, sem relação com a realidade social, é, então, objeto descartável e insignificante à transformação individual e social”.

De acordo com Netto e Trigo (2003, p.36), “a necessidade atual do ensino do turismo pode e deve acompanhar a evolução que a Educação está passando”. Silva (2001) destaca que é necessário perceber a importância de um processo que se renove constantemente para acompanhar as necessidades de mudança de paradigmas que a própria sociedade está

---

<sup>1</sup> Disponível no site <[www.mec.org.br](http://www.mec.org.br)>. Acessado em Agosto de 2005.

enfrentando. Desta maneira, portanto, será mais fácil educar para o turismo como forma de integração no ser no mundo, pois, é preciso se conhecer o que se tem pretensão de conquistar.

Sendo assim, serão demonstradas em um breve resumo da atual realidade brasileira, algumas problemáticas que tiram o sono de quem realmente tem atitude de se responsabilizar pela sociedade. As desigualdades sociais serão o principal foco deste item, sendo que estas podem ser consideradas os fatores mais alarmantes para o atual governo. Portanto, quanto mais agentes socialmente responsáveis existirem, também na atividade turística, mais pessoas poderão dormir tranquilamente.

#### **2.1.4 Desigualdades sociais: a realidade brasileira.**

Segundo Karl Marx (*apud* MONTENEGRO; ÉRIKA, 2002), a sociedade “é um conjunto ações humanas, e essas ações é que tornam a sociedade possível. Elas ajudam a organização social, e mostram que os homens se relacionam uns com os outros”. Assim, Marx considera as desigualdades sociais como produto de um conjunto de relações pautado na propriedade como um fato jurídico, e também político. O poder de dominação é que dá origem a essas desigualdades.

Desta maneira, de acordo com os autores citados, as desigualdades se originam dessa relação contraditória, refletem na apropriação e dominação, dando origem a um sistema social, neste sistema uma classe produz e a outra domina tudo, onde esta última domina a primeira dando origem às classes operárias e burguesas. Desta maneira, as desigualdades tornam-se fruto das relações, sociais, políticas e culturais, mostrando que as desigualdades não são apenas econômicas, mas também culturais.

Para se ter uma visão mais detalhada do fato mundialmente falando, de acordo com a Organização das Nações Unidas - ONU<sup>1</sup>, em 1913, a diferença entre os 20% mais ricos e os 20% mais pobres do planeta era de 11 vezes; e, em 1960 passou para 30 vezes; em 1990 para 60 vezes; e, em 1997, para 74 vezes. Segundo o autor, 20% da população mundial detêm 86% da renda. Esses mesmos 20% concentram 74% das linhas telefônicas e 93% da utilização da Internet. Os 20% mais pobres possuem 1% da renda mundial, 1,5% das linhas telefônicas e 1% da utilização da Internet.

Trigo (2003, p.32), demonstra que:

Os países pobres estão cansados das promessas glamurosas da globalização e de ficar de fora das festas dos ricos. Há uma imensa população miserável, explorada e excluída que não aceita mais ser considerada estatística descartável no “admirável mundo novo” que se anuncia. É preciso levar em consideração os pobres do mundo, aqueles para quem a história ainda não mostrou sua face promissora. Para fraseando o presidente Luís Inácio Lula da Silva no dia de sua posse (01/01/2003), enquanto houver um cidadão passando fome no planeta nós teremos motivos de sobra para nos envergonhar.

O Banco Mundial<sup>2</sup> estima que 1% por ano da riqueza das 200 pessoas mais ricas do mundo seria suficiente para dar educação básica a toda a população de crianças carentes no mundo. O turismo, sendo uma das atividades que mais cresce no planeta não pode fechar os olhos quanto à gravidade dos problemas mundiais existentes.

O Brasil é um país de múltiplas desigualdades, manifestadas em aspectos que afetam diretamente as capacidades de funcionamento dos indivíduos, como acesso à educação e saúde de qualidade, falta de bens fundamentais, como saneamento, coleta de lixo, transporte público, moradia, alimentação, energia elétrica, lazer e cultura, bem como falta de recursos e financeiros. A responsabilidade social precisa ser vista como prioridade, sendo que, esta envolve todos os fatores citados.

De acordo com Aguiar (2004, p.127):

---

<sup>1</sup> Disponível no site: <[www.onu-brasil.org.br/](http://www.onu-brasil.org.br/)>. Acessado em Outubro de 2005.

<sup>2</sup> Disponível no site: <[www.obancomundial.org/](http://www.obancomundial.org/)>. Acessado em Março de 2005.



É, em uma sociedade marcada, desde a sua fundação, por profundas desigualdades sociais, políticas e econômicas, que se insere o desenvolvimento da cidadania no Brasil, um empreendimento ainda em construção, que traz implícito o desejo por maior justiça social.

A partir do momento em que se fala em desigualdades sociais e pobreza no Brasil, não se trata de centenas de pessoas, mas sim, em milhões que vivem na pobreza absoluta. Com base em dados do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos – DIEESE (*apud* LÚCIO, 2005), essas pessoas sobrevivem apenas com  $\frac{1}{4}$  de salário mínimo no máximo, um número alarmante. Fica evidente que mais da metade da população brasileira não tem recursos para a sobrevivência básica.

O movimento socialmente inclusivo, nas escolas e universidades, por mais que seja ainda muito contestado, pelo caráter ameaçador de toda e qualquer mudança, especialmente no meio educacional, é irreversível e convence a todos pela sua lógica e pela ética de seu posicionamento social. Esta necessidade torna-se clara em um país onde há uma grande parcela da população vivendo na pobreza absoluta, e que, como consequência da desigualdade, existem na sociedade muitos constrangimentos morais e funcionais.

Constrangimento moral porque os pactos sociais tornam-se mais difíceis em virtude dos sentimentos nutridos entre as classes sociais, o que retarda a legitimidade de acordos na sociedade. E, constrangimento funcional, por excluir uma parcela muito grande da população de mercados estratégicos para o crescimento econômico.

No Brasil, a extrema exclusão social passa necessariamente pelo tamanho da desigualdade de renda encontrada. Quando são comparados com os dados internacionais, é notório o abismo social em que se encontra este país, qualquer que seja o indicador de desigualdade selecionado.

O indicador de desigualdade mais usado internacionalmente é o índice de Gini, devido a sua fácil interpretação (varia de zero a unidade). Mas há também vários indicadores de desigualdade que devem ser utilizados como comparação em um país e entre países. A tabela

1 apresenta características da distribuição de renda e da desigualdade no Brasil, comparativamente à média, o melhor e o pior no mundo. A partir destes dados, entre 177 países o Brasil se posicionou no 74.º no ranking do IDH mundial.

Tabela I - Características da desigualdade na distribuição de renda dos países que compõem o relatório do IDH constatados no ano de 2005

Indicador de Desigualdade	A média	O melhor	O pior	O Brasil
Gini	0,399	Hungria (0,244)	Namíbia (0,707)	0,591
10-	2,34%	Japão (4,8%)	0,5% - Namíbia, Serra Leoa, Lesoto e Brasil	0,5%
20-	6,05%	Japão (10,6%)	Serra Leoa (1,1%)	2,0%
20+	47,22%	Eslováquia (34,8%)	Namíbia (78,7%)	64,4%
10+	31,92%	Eslováquia (20,9%)	Namíbia (64,5%)	46,7%
10+ p/ 20-	21,11	Japão (4,5)	Namíbia (128,8)	85,0
20+ p/ 20-	10,59	Japão (3,4)	Serra Leoa (57,6)	31,5

Fonte: Relatório de Desenvolvimento Humano. ONU, 2004 (*apud* LÚCIO, 2005).

Elaboração: DIEESE

Legenda:

10- = participação dos 10% mais pobres na renda total.

20- = participação dos 20% mais pobres na renda total.

20+ = participação dos 20% mais ricos na renda total.

10+ = participação dos 10% mais ricos na renda total.

10+ p/ 20- = distância entre os 10% mais ricos para os 20% mais pobres.

20+ p/ 20- = distância entre os 20% mais ricos para os 20% mais pobres.

Outro indicador da acentuada desigualdade de renda do Brasil está na distribuição pessoal segundo estratos de renda. De acordo com o Banco Mundial, enquanto os 40% mais pobres se apropriavam, em 1998, de apenas 7,7% da renda nacional, aos 10% mais ricos correspondiam 46,7% desta mesma renda. Em 2004, os 50% mais pobres detinham 13,6% do total da renda, valor muito próximo daquele apropriado pelo 1% mais rico (12,8%).

Ao se falar de desigualdades sociais no Brasil não se deve citar apenas os índices econômicos, sendo notáveis as distâncias ainda existentes entre as diferentes raças, sexos, etnias, deficientes, dentre outros. De acordo com dados estatísticos fornecidos pelo Jornal Nacional, em Novembro de 2005, as mulheres brasileiras de cor negra recebem aproximadamente 50%, ou seja, a metade do salário das mulheres brasileiras de cor branca. Os números também demonstraram que este fator se repete no que se diz respeito ao salário das mulheres e dos homens brasileiros, sendo que em relação a elas, eles recebem praticamente o dobro.

Quanto aos portadores de deficiência física, Romani e Moreira (2004), informam que pela primeira vez, no Brasil, o censo coletou informações sobre esse assunto. De toda a população brasileira 24 milhões de pessoas, ou seja, 14,5% de nossa população total, declararam que possuem algum tipo de incapacidade ou deficiência.

Desta forma, essas pessoas necessitam de atendimento especial, em alguns aspectos, para que as barreiras e diferenças possam ser minimizadas, mas podem e devem ter acesso igualitário à educação, cultura, saúde, moradia, alimentação lazer e turismo. É o que garante a Constituição Brasileira, por meio do decreto n/ 3.298, de 20 de dezembro de 1999, que regulamenta a Política Nacional para Integração das Pessoas Portadoras de Deficiência.

Verifica-se, portanto, através destes números, a existência de uma parcela grande da população sem acesso a direitos, benefícios e oportunidades ao longo da história do Brasil, mesmo com todas as mudanças ocorridas, desde a abolição da escravatura até o atual sistema econômico. Pochmann (2005) relata que em síntese, construiu-se um país para poucos, em que a maior parte das transformações ocorridas aconteceu sem mudança estrutural, bloqueando a inclusão social plena.

Para os indigentes, muitas vezes os direitos a serem reivindicados nada mais são do que os deveres atribuídos ao Estado, pois segundo o artigo 3º da Carta Magna, “Constituem

objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais''. Já na vida real, fica claro que a escrita é outra.

Uenoyama (2004, p.5) analisa que:

O Brasil tem potencialidades para se constituir em um grande receptor turístico devido a sua diversidade natural e cultural, porém os altos índices de desigualdade social referente aos níveis de pobreza e miséria impedem este crescimento. É de extrema importância modificar este quadro social, para tanto é preciso que os órgãos competentes do setor turístico, órgãos governamentais, empresas privadas e as comunidades locais tenham consciência da importância do compromisso com a melhoria da qualidade de vida das pessoas agindo com responsabilidade social para construir uma nação digna onde todos possam exercer com plenitude sua cidadania.

Para demonstrar o porquê do turismo não estar entre os primeiros na agenda nacional, Aguiar (2004) afirma que se o Brasil não tivesse tantos problemas sociais, já deveria estar tratando o turismo como prioridade. Assim, a autora questiona: mas como imaginar vultuosos investimentos em *marketing* e promoção nos maiores mercados emissores de turismo, se ainda temos tantos analfabetos, famintos e subnutridos? Então, o turismo ainda vai seguir esperando, relegado a um segundo plano, quando já poderia estar gerando os recursos para financiar todo o conjunto de carência do País.

Silva (2001, p.33), afirma que:

Estamos enfrentando situações paradoxais, tais como a convivência da tecnologia suficiente para produção agrícola, num mundo com índices alarmantes de fome e desnutrição. Temos tecnologias para salvar vidas, mas grande parte da população mundial morre por não ter acesso à assistência médica. Nunca tivemos tanto recursos tecnológicos a nos servirem, com muito estímulo e facilidade de lazer, em contrapartida, nunca sentimos tanto estresse e vazio.

Porém, deve ser observado que este é um momento único vivido pela sociedade brasileira em relação às oportunidades para o desenvolvimento social do país. Essa afirmação se consolida pelas ações do atual governo, sendo uma delas a criação do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social – CDES, que tem por objetivos a diminuição das desigualdades e outros problemas sociais brasileiros. Sem pretensões políticas ou partidárias,

é importante que sejam reconhecidas as benfeitorias feitas por parte das autoridades para se encontrar, como já foi dito, as oportunidades para as ações necessárias.

De acordo com Lúcio (2005), o CDES foi criado pelo Presidente Lula, em Fevereiro de 2003, para ser um espaço de construção de condições para a desejada mudança; para, como o seu nome diz, promover um grande acordo pró-desenvolvimento, conformando e liberando uma vontade coletiva que torne viável o rompimento das amarras do atraso, das injustiças, das iniquidades, do subdesenvolvimento, enfim.

O CDES criou um grupo de trabalho (GT) com objetivo de solucionar o que são chamados de *meta-problema*, sendo que a mais importante delas se define por – extrema desigualdade social, inclusive de gênero e raça, com crescente concentração de renda e riqueza, parcela significativa da população vivendo na pobreza ou miséria, diminuição da mobilidade social.

O grande problema que infelizmente acontece na maioria das vezes em que pregam a responsabilidade social, é que os pregadores não possuem uma prática de vida adequada aos seus discursos. Mesmo o governo federal dando todo esse suporte a pessoas necessitadas, carentes e que vivem no abismo social, todo o seu crédito e sua moral deslizam ladeira abaixo no momento em que são comprovadas práticas antiéticas e fraudulentas em seu cotidiano. Nestes últimos anos não foram poucos os escândalos ocorridos envolvendo o governo. Porém, na esperança de dias melhores, é importante lembrar que sempre com o passar do temporal a terra fica mais propícia para o plantio de novas flores e frutos.

Desta maneira deve ser reconhecido o bom momento vivido na sociedade brasileira para o despertar dos que ainda dormem para a existência das grandes necessidades sociais vividas por esta nação. O turismo, como parte dela, possui o dever de se mobilizar neste momento que possibilita abrir portas para inovações necessárias no ensino e na atividade em

geral. A adequação da Educação à realidade, como já foi visto, deve ser prioritária, e as oportunidades devem ser aproveitadas.

Baum (*apud* ARAÚJO, 2001, p.103), faz questão de afirmar que:

O ensino do turismo, se manejado de maneira adequada, também pode representar um dos principais bastiões na defesa da identidade nacional e, nesse sentido, funcionar como instrumento para a preservação das características e singularidades de um país, de seu povo, de sua cultura, de seu idioma etc. em vez de servir *exclusivamente* a interesses alheios das comunidades turísticas. O maior desafio dos educadores desse campo é tentar, em meio às fortes pressões políticas e econômicas às quais o setor está exposto, deter certo controle das agendas educacionais, de forma a poder influenciar e dar sua valiosa contribuição, no que se refere aos novos rumos do turismo.

Portanto, é possível se observar a necessidade de se dar ao turismo com responsabilidade social a sua devida importância, principalmente no ensino, que é aonde acontece a irradiação de valores para os alunos e profissionais. Estando em consonância com a realidade, este ensino poderá servir como instrumento nacional em combate às desigualdades sociais, na formação de agentes sociais. Desta maneira, surge a proposta da criação de uma disciplina de Responsabilidade Social para os Cursos Superiores de Turismo, sendo esta a temática fundamentada de uma maneira mais direta no próximo item.

“Outro saber de que não posso duvidar um momento sequer da minha prática-crítica é o de que, como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo”.

Freire (1996, p.110).

### **2.1.5 O ensino do Turismo com responsabilidade social**

Como já anunciada, esta proposta surge em meio as necessidades atuais do país e em busca do ensino exercer sua real função como delineador de papéis sociais para a sociedade. Como afirma Ribeiro (*apud* MALERBA e HIRAO, 2004), é possível dizer, portanto, que a Universidade é em essência uma instituição de responsabilidade social. É inadmissível pensar

em uma universidade realmente comprometida com o Brasil que não tenha o inteiro domínio do saber humano e que o cultive não como um ato de fruição erudita ou de vaidade acadêmica, mas com o objetivo de montada nesse saber, pensar o Brasil como problema.

Segundo Mussetti (apud MELLO, 2004), a Responsabilidade Social da Universidade é produzir um conhecimento interativo com os problemas humanos da realidade moderna, bem como cuidar para que este conhecimento esteja voltado efetivamente para a melhoria da qualidade de vida.

É importante lembrar que, de acordo com Ansarah (2002, p.19), freqüentemente as necessidades do setor “forçam o sistema educativo a direcionar a formação acadêmica para o desenvolvimento de ‘certas habilidades’ a fim de aumentar a produtividade e atender às exigências do mercado globalizado”. Neste sentido Lukianchuki (2005, p.03) afirma que:

As questões referentes ao turismo, geralmente, são atravessadas por preocupações meramente mercadológicas, evidenciando-se o fenômeno econômico por excelência em detrimento dos aspectos sociais, revitalizando, assim, a idéia de que o sujeito do turismo restringe-se ao *homo economicus*. Por essa razão, tal discussão não é surpreendente, embora provoque polêmicas, notadamente quando se pensa no verdadeiro papel do profissional de turismo e das instituições de ensino frente às reais necessidades humanas no terceiro milênio.

De acordo com Matias (2002), o primeiro currículo para cursos de Turismo foi elaborado pelo professor Domingos Hernandez Peña, após um levantamento realizado em escolas européias e adaptado à realidade brasileira.

Portanto, é prudente que se estabeleçam alguns princípios e normas que orientem o desenvolvimento da profissão de forma a garantir o exercício da individualidade. Assim, poderá ser assegurado a participação do Bacharel em Turismo no processo de construção de uma sociedade, neste novo milênio, que se sedimente no bem e na prática de princípios éticos universalmente aceitos. A universidade tem um papel importante de incentivar os debates em torno dos valores éticos que devem orientar a convivência social, assim como estimular a sua tradução em práticas cotidianas.

Dias (2002) cita Robert Glucksman, demonstrando quando o autor em 1935 dá início aos primeiros trabalhos específicos e científicos sobre a sociologia turística, definindo o turismo não como corrente de pessoas, nem como uma expedição ou viagem, mas como um fenômeno social, ligado às relações interpessoais e transpessoais, à comunicação humana.

Barreto (*apud* DIAS, 2002, p.22) para uma possível explicação da escassez de trabalhos identificados com uma abordagem sociológica do turismo, constatando que tem predominado uma visão do turismo como comércio e indústria, afirma que:

As ciências sociais, fundamentalmente, não enxergam o turismo como um objeto válido – entre outras razões porque, via de regra, o crescimento do turismo tem ocorrido ao sabor do mercado, dos interesses dos grandes capitais nacionais e internacionais, sem levar em conta os demais atores nacionais. E tem-se desenvolvido ao sabor do mercado e não com uma participação das comunidades afetadas (ora positiva, ora negativamente), por falta de um aporte de pesquisa socioantropológica aplicada.

A revisão dos problemas e o exercício intelectual são essenciais no processo de análise das questões sociais, sabendo que estas, vão além dos números. Fica exposta também a importância de se ter a responsabilidade social como um tema transversal no curso de turismo, sendo que a disciplina deve funcionar como um centro irradiador do assunto. Desta maneira esta temática poderá ser observada dos diferentes ângulos e óticas das diversas disciplinas existentes, para que a reflexão não se limite a apenas um determinado momento.

Trigo (2003, p.93) afirma que “o problema é que os erros não foram bem discutidos, provavelmente por uma imaturidade do chamado *trade* e por uma certa timidez da academia, e certamente porque uma área tão nova precisa de incentivos e de boa vontade”. O autor ainda completa dizendo que uma parte considerável do mundo acadêmico é muito mais crítica do que o “mercado”.

Portanto, fica clara a necessidade dessas teorias serem colocadas em prática, principalmente nos cursos superiores de turismo. Iniciativas como a realização do CBTUR 2003, visando o desenvolvimento social, tornam-se um marco de época para o turismo e seu ensino, estabelecendo novas visões, desenvolvendo o senso crítico dos envolvidos e chegando



a metas e objetivos a serem traçados, ou até mesmo, a demonstração de projetos que já obtiveram o alcance do sucesso.

Parafrazeando Noslin de Paula Almeida, Presidente da EMBRATUR na época de realização do evento, “turismo e Responsabilidade Social devem estar em sintonia, pois muitos dos efeitos das atividades turísticas possuem desdobramentos sociais, culturais, econômicos e ambientais”. Este objetivo só será alcançado através da prática destas novas idéias, não esperando que soluções vão “cair do céu”. Krippendorf (2001, p.07) afirma que:

Na teoria, são todos unânimes: como linha de pensamento, o turismo social e ecologicamente responsável é evidente e altamente desejável. Na prática, porém, ele se arrisca, por falta de ações abrangentes e conseqüentes, a degenerar em uma fórmula vazia, em um acionismo verbal, em um mero argumento de venda.

Também vale ressaltar que no caso dos fenômenos, de acordo com Centeno (*apud* MOESCH, 2002, p.28), é necessário explicar o que é um fenômeno e como se aplica esta categoria, com fins práticos. Para Abreu (2004), este deve ter início nos bancos das faculdades de turismo onde são formados os turismólogos, futuros agentes diretos no desenvolvimento do turismo de uma determinada localidade. Avena e Rossetti (2004, p.235), confirmam dizendo que, apenas “os debates teóricos em sala de aula sobre esses temas não têm sido suficientes para dar conta do desafio de ensinar turismo com responsabilidade social”.

O importante é que o Ensino Superior de Turismo capacite seus alunos para as necessidades atuais da área. É notável e até mesmo alarmante a falta de profissionais capacitados para a docência, tendo em vista o exagerado crescimento de cursos e a não observância para a capacitação dos profissionais. Como um país com mais de quinhentos cursos superiores de turismo só possui cinco mestrados reconhecidos na área?

A ausência de profissionais capacitados, como já foi dito, é preocupante, e mais preocupante ainda os atuais docentes e demais envolvidos na área não estarem sensibilizados para as questões da responsabilidade social e da sustentabilidade. Se os atuais profissionais não trabalharem estas questões, como serão capacitados os futuros bacharéis?

Krippendorff (2001, p.72) faz críticas de relevância a pesquisadores renomados que afirmam não ter “mais nada a fazer” referente aos impactos ambientais, econômicos ou socioculturais causados pelo turismo. O autor propõe que se, apesar de tudo, se objetivo é abordar o problema, deverá se destruir o alcance normal da reflexão intelectual e dos critérios de julgamento. Segundo ele, as teorias, os cálculos econômicos, os programas políticos e as doutrinas não são de nenhuma ajuda neste caso específico. Deve ser ido além, invocando especialmente a intuição e a fantasia social, definida como a aptidão de não crer no caráter definitivo da ordem estabelecida, de propor novos conceitos, de formular soluções substitutivas.

Este embasamento tornou-se de caráter essencial, servindo como um incentivo inicial para a proposta de criação da Disciplina de Responsabilidade Social no Curso Superior de Turismo, pelo fato de que esta poderá proporcionar aos alunos esses momentos de reflexão, e, principalmente, de criação de novas idéias e dos novos rumos que o turismo precisa tomar. De acordo com Moesch (2002, p.15), “a negligência por parte dos teóricos da vertente crítica, sobre a investigação teórica reflete-se na questão epistemológica”.

O desenvolvimento intelectual será primordial para o andamento das aulas, aonde, o mestre além de ser um coordenador desta oficina de idéias, será também um aprendiz a mais na sala de aula. Além deste coordenador que direcionará o rumo a ser tomado a partir da fundamentação escolhida, não existirá quem sabe menos ou quem sabe mais, e sim, conceitos novos, início de novas práticas. Desta maneira, dentro da sala de aula poderá ser desenvolvido o senso crítico dos alunos em um círculo de aprendizagem, Temas como ética, desigualdades, justiça social, dentre outros poderão fazer com que os alunos despertem para esta sensibilização.

Diante do explicitado e tendo em vista as necessidades que cercam a atividade turística, esta proposta surge como um instrumento para se desenvolver um tema que é dado

como necessário e essencial principalmente para os estudantes e bacharéis da área. De acordo com Moraes (2004, p.101), “é necessário que os cursos de Turismo encontrem meios de abordar em suas grades curriculares a responsabilidade social com intuito de criar entre os estudantes de um senso crítico, responsável e ético”. A autora revela a necessidade atual do país perante a essa nova postura que deve ser tomada imediatamente, cobrando também o exemplo das Instituições de Ensino Superior, que para ensinar, devem servir como exemplos.

De acordo com o Ministério da Educação<sup>1</sup>, conforme a Súmula no 3/92 do extinto Conselho Federal de Educação, não há direito adquirido a currículos, tanto por parte do aluno quanto da escola. O art. 53, II, da Lei nº 9.394/96 (Lei de Diretrizes e Bases), assegura às universidades, no exercício de sua autonomia, fixar os currículos dos seus cursos e programas, observadas as diretrizes gerais pertinentes. Também dispõe sobre a alteração das disciplinas que compõem os currículos plenos dos cursos de graduação ministrados por faculdades isoladas, prescreve que os estabelecimentos isolados de ensino superior podem alterar seus currículos, desde que as alterações sejam submetidas ao colegiado competente da IES e publicadas no Diário Oficial da União.

O MEC ainda dispõe o parecer nº 776/97 do Conselho Nacional de Educação (CNE) que define as diretrizes curriculares, constituem orientações para elaboração dos currículos que devem ser necessariamente respeitados por todas as Instituições de Ensino Superior. Visando assegurar a flexibilidade e a qualidade da formação oferecida aos estudantes, as diretrizes curriculares devem observar alguns princípios, dos quais dois são diretamente ligados a este trabalho:

- Assegurar as IES ampla liberdade na composição da carga horária a ser cumprida para a integralização dos currículos, assim como na especificação das unidades de estudos a serem ministradas;

---

<sup>1</sup> Informações contidas no site: [www.mec.org.br](http://www.mec.org.br).

- Fortalecer a articulação da teoria com a prática, valorizando a pesquisa individual e coletiva.

O MEC também tem privilegiado o tema abordado neste trabalho, via diretrizes curriculares, quando preconiza que, ao final do curso, o formando deve ter internalizado os valores de responsabilidade social, justiça e ética.

De acordo com Luz (2004, p.98):

Percebe-se que existe uma ampla consciência dos efeitos que se espera da formação proposta aos profissionais de Turismo e/ ou Hotelaria. Os perfis de egressos e as habilidades éticas e políticas desejadas são explicitadas, por orientações do próprio Ministério da Educação (MEC), na formatação dos projetos pedagógicos dos cursos. No entanto, embora explícitos em termos de projeto; a cultura das IES, a forma como são elaborados os currículos, os parâmetros de avaliação adotados e a formação acadêmica e profissional dos professores ainda se constituem em entrave para a difusão dos conceitos de Ética e Responsabilidade Social. Desta forma, capacitar os alunos em termos de cidadania, Ética e Responsabilidade Social continua constituindo-se um desafio para o sistema educacional superior brasileiro.

Sendo assim, a proposta para implementação de uma disciplina de Responsabilidade Social para o Curso superior de Turismo possui possibilidades reais de se tornar tangível, tendo em vista a necessidade relatada, o momento propício e a legislação favorável.

No próximo item serão abordadas questões referentes às Faculdades Integradas Assesc – FASSESC, onde se desenvolveu o estudo de caso, o que não permitiu se tornar este, mais um trabalho com inúmeras fundamentações e sem seu valor prático. Será feita uma breve análise sobre a faculdade, seu histórico, objetivos, o curso de turismo e as concepções da instituição sobre o mesmo.

## 2.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo possui uma caracterização exploratória por trazer uma visão geral sobre os assuntos tratados, por servir como uma introdução para um tema mais amplo e até mesmo pela possível formulação de novas teorias. Gil (1999) define que as pesquisas

exploratórias têm como “principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias, tendo em vista, a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”.

Inicialmente, buscando o incremento de valor teórico e o entendimento do surgimento do fenômeno turístico e de sua realidade atual, foi feita uma breve pesquisa histórica. Segundo Helmstadter (*apud* RICHARDSON, 1942, p.199) este tipo de pesquisa serve para produzir um registro fiel do passado e contribuir para a solução de problemas atuais. Desta maneira, foram identificados alguns dos porquês da atual postura economicista desta atividade.

Sendo uma estratégia mais usada nos estudos fenomenológicos, esta pesquisa foi direcionada pelo método indutivo aliado a pesquisa qualitativa, que de acordo com Denker (1998), é a observação dos fenômenos sociais, feita de maneira intensiva, a qual implica a participação do pesquisador no universo de ocorrência desses fenômenos. Desta maneira, estando o autor dentro dos objetos estudados, a identificação da viabilidade de mudanças benéficas para a atividade turística veio a ser menos limitada.

Estando implícita esta participação, esta foi a melhor maneira encontrada para se estudar o caminho seguido. Roesch (1996) diz que, a pesquisa qualitativa e seus métodos de coleta e análise de dados são apropriados para a fase exploratória de pesquisa.

Para um melhor aprofundamento da pesquisa e da amostragem o autor optou pela utilização de um estudo multicaso. Estando de acordo com Denker (1998), a pesquisa de forma exploratória procura aprimorar as idéias ou descobrir intuições, sendo o estudo de caso uma forma comum de apresentação da mesma.

Este estudo foi desenvolvido com alunos dos Cursos de Turismo de três Instituições de Ensino Superior localizadas no Sul do país: Universidade Federal do Paraná – UFPR (Curitiba), Faculdades Curitiba (Curitiba) e Faculdades Integradas ASSESC (Florianópolis).

A definição da amostra na qual foi aplicada à pesquisa foi a não-probabilística intencional. A escolha desta instituição de ensino para o desenvolvimento deste estudo de caso deu-se principalmente pela facilidade de coleta de dados pelos autor. Também por estas serem mais três das mais de quinhentas faculdades de Turismo no Brasil e assim, poderem servir como um parâmetro para se obter um panorama da realidade e das necessidades dos cursos superiores de Turismo públicos e privados deste país.

Um roteiro de entrevistas semi-estruturadas permitiu dar maior amplitude e subsídio ao trabalho, onde foram feitas entrevistas com 30 alunos, sendo eles:

- 10 alunos(as) do 4<sup>o</sup> e 5<sup>o</sup> períodos do Curso de Turismo da UFPR (1 – 10);
- 10 alunos(as) do 5<sup>o</sup> período do Curso de Turismo da CURITIBA (11 – 20);
- 10 alunos(as) do 6<sup>o</sup> período do Curso de Turismo da FASSESC (21 – 30).

A escolha do número de entrevistados deveu-se ao fato do pequeno tempo para o tipo de análise das respostas que foram gravadas. A escolha dos períodos se justifica por serem cursados por alunos que já possuem uma base de estudos do turismo e que podem expressar também o que esperam da continuação do curso e de sua atividade profissional. Os entrevistados foram escolhidos para serem amostras da população, tendo em vista toda a comunidade de alunos das graduações em turismo do país.

De acordo com a classificação da temática da pesquisa, procedeu-se à reunião e a colagem dos trechos selecionados de cada entrevista, sendo que, para facilitar este procedimento cada trecho recebeu um código de identificação, facilitando a leitura. Desta maneira, os entrevistados foram classificados de “1” até “30” e as questões classificadas de “A” até “E”. Este instrumento caracterizou-se pelo uso de questões abertas devido à amplitude do tema e do caráter subjetivo do mesmo. As questões estão em anexo.

Assim, foi questionado o grau de conhecimento sobre a responsabilidade social em organizações e no turismo em geral perante os entrevistados, a relevância do mesmo e qual a melhor maneira de abordá-lo, sendo expostos nos resultados da pesquisa.

A análise de dados foi realizada através de uma análise de conteúdo. Richardson (1992) demonstra que este tipo de análise deve basear-se em teorias relevantes que sirvam de marco de explicação para as descobertas do pesquisador. Desta maneira, as respostas foram analisadas em relação ao referencial teórico proposto e aos argumentos críticos dos autores desta pesquisa. A análise de conteúdo, ainda de acordo com mesmo autor, utiliza qualquer forma de comunicação como material de estudo e permite ao pesquisador questionar as mudanças sobrevindas dos mesmos.

As limitações da pesquisa se definem na subjetividade do assunto; nos conceitos ainda não concretos sobre o mesmo e na dificuldade de análise de entrevistas de questões abertas que não podem generalizar os resultados; e na falta de condições dos pesquisadores para um conhecimento mais aprofundado de cursos de turismo em outras regiões do país.

## 2.3 DELINEAMENTO DA PESQUISA

### 2.3.1 Curso de Turismo da FASSESC<sup>1</sup>

Reconhecido pelo MEC Portaria Ministerial n.º 458 de 04/02/2005 (Renovação de Reconhecimento) publicada no D.O.U 26 –E de 09/02/2005, oferecido no nível de bacharelado em turnos matutino e noturno. O regime é semestral com duração do curso de 3 (três) anos e meio, totalizando 7 (sete) semestres. A carga horária total é de 2640 horas, incluindo o Estágio Supervisionado (360 horas) e o funcionamento do curso é de Segunda a Sexta-feira.

---

<sup>1</sup> Item desenvolvido a partir de dados disponíveis em: <[www.assesc.com.br](http://www.assesc.com.br)>. Acessado em Setembro de 2007.

A instituição entende que esta estrutura de curso permite ao acadêmico o contato direto com a sua área de formação, oportunizar a este a possibilidade de executar trabalhos de campo, de realizar viagens de estudo e de participar em estudos e pesquisas.

A FASSESC tem por concepção de curso que o turismo é uma das atividades econômicas que mais cresce no mundo, gerando empregos e divisas e movimentando milhões de dólares em todo o planeta. Por ser um mercado em expansão, possibilita inúmeras opções de trabalho.

Portanto, o Curso de Turismo da FASSESC visa formar profissionais com visão empreendedora, para atuar em empresas públicas e privadas, habilitando-os a exercer funções nas áreas de planejamento, gestão, organização e execução, o que compõe o amplo leque dessa atividade.

As principais áreas de atuação visadas são: empresas públicas, secretarias municipais ou estaduais de Turismo e fundações; empreendimentos turísticos e hoteleiros; agências de viagem; organização de eventos; consultoria; ensino e pesquisa.

É perceptível que em uma análise curricular geral, a visão prevalecida na maioria das disciplinas oferecidas é a visão mercadológica que forma o turismólogo apenas para: atender as exigências do mercado. Observa-se a necessidade desta visão para que os bacharéis possuam o entendimento da amplitude da área e para conhecerem de perto suas futuras áreas de atuação. Mas também é preciso ser observado que os envolvidos no turismo devem possuir uma percepção que vá além destas exigências já supracitadas, como em qualquer outra área, para que não se desenvolva inconscientemente uma atividade que atua no cotidiano de bilhões de pessoas no planeta.

Como já foi dito, a estrutura curricular do Curso de Turismo da FASSESC tem se caracterizado pela sua flexibilidade, o que não torna o problema citado acima tão assustador, desde que as providências sejam tomadas.



Como foi constatado, esta IES possui todos os instrumentos necessários para, como já vem sendo feito de alguma maneira, desenvolver uma postura socialmente responsável perante a sociedade. Este é um desenvolvimento que, para se consolidar e se tornar realidade neste universitário, precisa ser reconhecido e contínuo. A questão surge: como fazer isso?

### **2.3.2 Curso de Turismo da UNICURITIBA<sup>3</sup>**

O Curso de Turismo das Faculdades Integradas Curitiba visa formar o profissional para um mercado de trabalho cada vez mais exigente, cético e pluralista. Portanto, para ter êxito na profissão, o candidato ao Curso de Turismo deve possuir algumas características pessoais que o ajudarão a ser bem-sucedido: gostar de lidar com pessoas; ser criativo, inovador; improvisar; ter espírito empreendedor, de aventura, de liderança, de senso de organização; ter visão pluralista e vontade de querer aprender sempre mais; ser dinâmico; conhecer e dominar diferentes culturas e informática; saber pensar e agir rápido para resolver múltiplos e diferenciados problemas; redigir bem; expressar-se com facilidade; gostar de eventos e de uma vida na qual a monotonia não tem espaço.

O perfil do egresso do Curso de Turismo das Faculdades Integradas Curitiba procura equilibrar a teoria com a prática, simultaneamente com uma boa formação humanística de iniciação científica em pesquisa. Essa formação deverá estar presente em algumas características básicas.

Sua área conceitual consiste em:

- Formação humanística aliada à indispensável compreensão interdisciplinar do fenômeno turístico e das transformações sociais.

---

<sup>3</sup> Item desenvolvido a partir de dados disponíveis em: <[www.faculadescuritiba.br](http://www.faculadescuritiba.br)> Acessado em Setembro de 2007.

- Capacidade de apreensão, transmissão crítica e produção criativa de turismo combinado com o raciocínio lógico e a consciência de que é necessária a permanente atualização.

- Senso ético e profissional, associado à responsabilidade social, com a compreensão da causalidade e finalidade das normas sociais e da busca constante da libertação do homem e do aprimoramento da sociedade.

Sua área técnica consiste em:

- Formação técnica e gerencial prática e a competência para aplicar soluções alternativas e inovadoras bem como capacidade crítica, reflexiva e criativa.

- Aptidão para planejar, organizar, executar e gerir programas de desenvolvimento turístico de destinações e empreendimentos em espaços rurais e urbanos;

O curso de Turismo da UNICURITIBA demonstra uma renovação em relação a responsabilidade social, com atividades de extensão já realizadas e destacadas pelos alunos e com possibilidades de abordagem do assunto nas disciplinas abertas existentes em vários semestres do curso, chamadas de “Tópicos temáticos”.

### **2.3.3 Curso de Turismo da UFPR<sup>24</sup>**

O fomento ao desenvolvimento do turismo de forma sustentável pode nascer dentro da universidade. Na UFPR, os alunos do curso de Turismo contam com disciplinas teóricas, bem como, com uma extensa carga horária prática, além do desenvolvimento de projetos de pesquisa, extensão e realização de estágios. Tanto no aprendizado da teoria quanto no exercício da profissão, os estudantes poderão escolher uma entre as oito ênfases oferecidas pelo curso – Planejamento Turístico em Áreas Urbanas, Planejamento Turístico em Áreas

---

<sup>2</sup> Item desenvolvido a partir de dados disponíveis em: <[www.ufpr.br](http://www.ufpr.br)> Acessado em Setembro de 2007.

Naturais, Planejamento de Lazer e Recreação, Alimentos e Bebidas, Hotelaria e Meios de Hospedagem, Eventos, Transportes e Agenciamento.

Essas ênfases são aprofundadas no último ano de curso, após três anos de estudo de disciplinas gerais. Desde que ingressam na universidade, os alunos são orientados a desenvolver atividades acadêmicas complementares, como visitas técnicas, pesquisas e participar de eventos. “Nosso curso tem uma preocupação muito grande em formar profissionais conscientes do seu papel de responsáveis por desenvolver a atividade turística de forma sustentável, utilizando o turismo como instrumento de inclusão social, considerando de forma equânime os aspectos econômicos, socioculturais e ambientais”, explica o coordenador do curso, José Manoel Gandara. Segundo ele, os estudantes precisam estar preparados para desenvolver uma visão ampla e estabelecer uma relação entre os diversos segmentos da atividade turística.

A prática da profissão pode ser desenvolvida nos estágios e nos projetos de extensão do DETUR, que são a Agetur – Núcleo de Estudos Turísticos, o Serração e o Observatório de Turismo. Com a supervisão de professores, os alunos organizam pequenas excursões e desenvolvem projetos de pesquisa e extensão, aulas práticas, visitas técnicas e viagens de estudos, campanhas de conscientização da comunidade local, entre outras atividades.

A atividade turística hoje é reconhecida como uma das áreas com maior potencial de estímulo ao desenvolvimento de determinadas regiões. Com isso, existe uma demanda progressiva por profissionais que possam auxiliar no desenvolvimento desse setor, desde o seu planejamento e implementação, até a gestão e o controle do mesmo. Essa abertura de mercado possibilita que o bacharel em Turismo atue em vários segmentos. “Apesar de cada vez mais concorrido, o mercado oferece várias opções de trabalho. Áreas que antes eram pouco consideradas, hoje crescem rapidamente”, salienta o coordenador.

Sempre considerando as oito ênfases já destacadas anteriormente, o egresso do curso de Turismo da UFPR estará habilitado para trabalhar em empresas públicas e privadas, com pesquisa, planejamento, organização, marketing, qualidade etc. Também há mercado para os graduados em Turismo nas áreas de assessoria e docência. O curso busca desenvolver a visão empreendedora nos futuros profissionais.

O curso de Turismo da UFPR possui um grande diferencial para esta pesquisa que é a existência da Disciplina optativa de Responsabilidade Social em seu currículo. Desta maneira, alunos que participaram das entrevistas que já cursaram esta disciplina possuíam uma base maior e um conhecimento prévio sobre o assunto abordado. A questão é, uma disciplina desta deve obter o caráter meramente optativo ou pode ser oferecida como uma disciplina obrigatória em um curso de Turismo?

## 2.4 RESULTADOS

Este capítulo apresenta a descrição e análise dos conteúdos mais relevantes das entrevistas aplicadas nos dias 24 e 25 de Novembro de 2006 com alunos(as), professores(as) e a coordenadora do Curso de Turismo da FASSESC, e também, com a coordenadora pedagógica da instituição.

### 2.4.1 O estudo da responsabilidade social no turismo.

Com relação à Responsabilidade Social obter grande importância para o turismo, pôde-se observar que esta constatação foi quase uma unanimidade entre os entrevistados. É importante salientar que, antes da entrevista, não foi apenas uma pessoa indagou ao entrevistador: “o que é mesmo responsabilidade social?”, isso ocorreu algumas vezes.

Algumas respostas demonstram o que foi constatado neste trabalho, que muitas pessoas entendem a responsabilidade social como uma questão meramente mercadológica.

Moesch (2002 P.18) afirma que:

O desafio posto às universidades, faculdades e disciplinas é relativizar a força de mercadoria em que este saber se transformou [...] Sonhar a partir de reflexões sobre questões da perspectiva da ética, da soberania, da diversidade e identidade cultural, da democratização de todos os territórios, da liberdade de opções, do dissenso, impõe novas linhas de pesquisa sobre o conhecimento.

A seguir poderá ser observado que a maioria dos entrevistados demonstram saber o valor dessa importância, e principalmente, para a atividade turística.

**3A** Com certeza, eu acredito que tanto para a iniciativa privada quanto a iniciativa pública, porque a responsabilidade social é hoje uma grande estratégia tanto econômica quanto educativa.

**12A** Não acredito que responsabilidade social seja apenas uma estratégia para o desenvolvimento sustentável de organizações, mas uma obrigação. Na minha opinião, não existe sustentabilidade sem que haja responsabilidade social.

**14A** Acho que é muito importante porque a responsabilidade social tem um papel de beneficiar o todo e não só o bolso dos empresários.

**1A** Quando agente fala em desenvolvimento sustentável a responsabilidade social é inevitável. Ela é importante para auxiliar as pessoas menos favorecidas e que não tem o mesmo acesso que outras. Porém, hoje uma ação social é status, mas que beneficia a sociedade de qualquer maneira. Uma organização que não tenha nenhuma ação social nos dias de hoje, mesmo que seja na separação do lixo, não é bem vista na sociedade. Como exemplos a Natura e o Boticário.

**28A** Todas as empresas agora estão querendo fazer algum bem social e estão seguindo essa linha, mas como estratégia de marketing, porém, que de qualquer forma ajuda.

De acordo com a maioria das respostas, foi possível identificar que alunos, professores e coordenadores, ao se depararem com pessoas preocupadas com esta temática, também se tornaram defensores da causa. Talvez este sentimento estivesse adormecido entre eles e logo foi despertado quando se deu início a essa pequena discussão.

De acordo com o já exposto, observa-se que responsabilidade social ainda é um termo “obscuro” para diversas pessoas, talvez até mesmo pelos diversos conceitos que existem sobre o assunto. Isto se torna um grande motivo para justificar a implantação da disciplina de Responsabilidade Social no curso de Turismo, pois dada a importância desta temática para a atividade, a necessidade fica clara.

Para a maioria, a necessidade é clara; para alguns, essa é uma idéia inovadora; para outros um discurso que não se coloca em prática; e também existem aqueles que dizem ser um objetivo inalcançável.

Entre os alunos é quase unânime a existência da necessidade discutida. Observa-se que na justificativa deste trabalho foi mencionado que a responsabilidade social deveria ser um valor advindo desde o berço de cada ser humano. Foi ressaltada ainda, a importância desta temática ser tratada nos cursos de graduação por ser uma fase de aprimoramento intelectual, e por ser talvez, a última oportunidade de se desenvolver esta sensibilização.

Esta preocupação já havia sido relatada no corpo do trabalho, sendo demonstrada a importância da realização desta entrevista para a consolidação da teoria discorrida. Portanto, ficou clara a necessidade de se abordar o tema não somente em uma disciplina, mas em todas do curso, obtendo visões das mais variadas áreas sobre a responsabilidade social.

#### **2.4.2 A importância da responsabilidade social nos cursos superiores de Turismo**

A maioria dos entrevistados quando os sujeitos foram indagados da importância da cultura da responsabilidade no curso de turismo apontaram como elemento propulsor para o desenvolvimento do turismo de forma sustentável:

**18B** A responsabilidade social é indispensavelmente um dos principais pilares do turismo para a atividade se desenvolver de forma sustentável. Porém, hoje a sustentabilidade é encarada com a responsabilidade social mais com um objetivo de marketing. Ela promove grupos sociais mas hoje as empresas turísticas estão mais interessadas na parte de marketing e lucratividade. Isso ainda é confuso.

**5B** É essencial, porque agente vê muito que as pessoas acreditam que o turismo tire cultura das coisas e eu acho que a responsabilidade social desenvolve essa parte de estar conscientizando não só quem vai, mas quem vem e quem mora na localidade.

**26B** Eu acho que é muito importante, falta muita responsabilidade social no curso e isso reflete muito na atividade turística hoje em dia, porque as pessoas acabam saindo da faculdade sem uma base O curso não proporciona para o estudante o que é responsabilidade social na prática, fica mais no teórico, e eu acho que isso reflete muito na atividade porque ela fica menos positiva e não se desenvolve tão bem.

**30B** É importante por causa dos pilares da sustentabilidade, o econômico, o natural e o social. O turismo consegue atingir todas as camadas sociais, o importante é incentivar isso. Hoje as faculdades são voltadas pra isso, falam bastante, a faculdade aqui mesmo está pensando em colocar uma matéria neste sentido.

Em atenção à resposta 5B, Rós e Júnior (2005) afirmam que o fluxo de novos conhecimentos turísticos trás inquietações sobre sua sustentabilidade local, sobre a participação das comunidades, sobre o papel do Estado e as imposições da economia globalizada. Esta importância se remete na cultura de responsabilidade social nos cursos superiores de turismo, pois, os debates desenvolvidos em sala de aula podem gerar mais fluxos de novos conhecimentos turísticos, o que conseqüentemente refletirá nos atores envolvidos citados.

Sobre a adaptação a mudanças e a quebra de paradigmas, Matias (2002), informa que o ensino superior de Turismo no Brasil passou por várias modificações desde suas origens, na década de 1970, para acompanhar o desenvolvimento da atividade turística e atender aos anseios dos bacharéis e estudantes de Turismo. A implementação desta disciplina então, se torna apenas mais uma mudança destas várias já ocorridas, visando não somente o acompanhamento do desenvolvimento do turismo, mas também a adequação desta às realidades sociais decorrentes no país, como já citado neste trabalho.

Porém, é preciso ficar claro que a responsabilidade social é uma temática que sempre foi necessária de se tratar em qualquer lugar do mundo. O acordar para a valorização desta é que veio acontecer a poucas décadas, mas sua importância sempre existiu. Sendo assim, a criação de uma disciplina que aborde apenas e profundamente este assunto poderá simplesmente, como dito por alguns entrevistados, substituir uma destas disciplinas citadas.

Analisando as afirmativas, se percebe que a relação da responsabilidade social com as relações humanas, ou seja, com tratamento das pessoas, é vista em todas as respostas citadas. É possível observar que esta importância se deu a necessidade existente de se formar agentes sociais na atual sociedade. Principalmente na atividade turística, esta educação social foi dada como essencial, durante o referencial teórico e nos resultados desta pesquisa.

De acordo com Uenoyama (2004, p.13):

Acompanhando todo esse cenário, as universidades podem desenvolver um papel muito importante direcionando os universitários, que se preparam para assumir seu lugar neste mundo competitivo, para o desempenho de seu papel como cidadão antes do seu papel de profissional..

#### **2.4.3 Aspectos restritivos para a prática da responsabilidade social nos cursos superiores de Turismo**

Para uma análise completa de um assunto ser desenvolvida de uma maneira realista e democrática que contribua para a confiabilidade dos resultados, é necessário a busca dos dois lados da moeda: os aspectos negativos e os positivos advindas a ação proposta, sendo aqui citados como restritivos e impulsionadores. Iniciando pelos restritivos, as dificuldades encontradas pelos entrevistados para a implantação da disciplina de Responsabilidade Social no curso de Turismo foram:

**1C** No nosso curso é muito trabalhada essa parte de responsabilidade social, o problema não é nem educacional quando agente aprende que a



responsabilidade social é muito importante para a preservação e para o desenvolvimento sustentável, o problema mesmo acontece no mercado de trabalho.

**7C** As IES são muito voltadas para a teoria, pesquisa. O maior dos exemplos é o discurso que agente “tem que ir lá, fazer isso, vai, pesquisa, pensa, planeja” faz parte, mas tudo tem que ter uma ação e eu acho que a ação é o principal.

**11C** A falta de ligação do meio acadêmico e das instituições que trabalham com o turismo. Essas instituições não fazem muito conhecimento das universidades e os alunos também não se dispõem a inserir essa cultura a partir do que eles têm no curso. Acho que é falta dessa troca.

**26C** Uma vez que a atividade turística envolve relações sociais, tanto nos destinos quanto nos núcleos emissores, há que se atender a ações responsáveis do ponto de vista social, em todo planejamento turístico. Como o planejamento turístico deve ser uma das atividades desenvolvidas pelo turismólogo, é indispensável que os Cursos de Turismo tenham essa cultura para a busca da tal sustentabilidade.

Sobre a adaptação a mudanças e a quebra de paradigmas, Matias (2002), informa que o ensino superior de Turismo no Brasil passou por várias modificações desde suas origens, na década de 1970, para acompanhar o desenvolvimento da atividade turística e atender aos anseios dos bacharéis e estudantes de Turismo. A implementação desta disciplina então, se torna apenas mais uma mudança destas várias já ocorridas, visando não somente o acompanhamento do desenvolvimento do turismo, mas também a adequação desta às realidades sociais decorrentes no país, como já citado neste trabalho.

Porém, é preciso ficar claro que a responsabilidade social é uma temática que sempre foi necessária de se tratar em qualquer lugar do mundo. O acordar para a valorização desta é que veio acontecer a poucas décadas, mas sua importância sempre existiu. Sendo assim, a criação de uma disciplina que aborde apenas e profundamente este assunto poderá simplesmente, como dito por alguns entrevistados, substituir uma destas disciplinas citadas.

#### **2.4.4 Aspectos impulsionadores para a prática da responsabilidade social nos cursos superiores de Turismo**

Partindo deste pressuposto, alguns aspectos impulsionadores na prática da responsabilidade social para os cursos de turismo em IES serão conhecidos a partir das respostas dos entrevistados:

**8D** Hoje a UFPR trabalha forte esta questão, querendo mesmo que seja um diferencial perante todos os cursos de turismo de outras IES, eu creio que essa responsabilidade social pode ser um diferencial no mercado de trabalho mesmo. De forma inovadora e coesa e seguindo os princípios da sustentabilidade você pode trabalhar ela sendo um diferencial na empresa em que você trabalha.

**21D** Ações de projetos de extensão. Agente fez ano passado uma pesquisa em Guaraqueçaba para desenvolver o turismo lá com desenvolvimento sustentável na comunidade, então é mais esse tipo de projeto de extensão para colocar os alunos frente a frente nesta realidade na prática mesmo. Isso impulsiona.

**19D** Como já foi dito, a responsabilidade social é indispensável para o planejamento sustentável da atividade turística. Sendo assim, o compromisso com ações responsáveis deve ser entendido como norteador do desenvolvimento da atividade já nos Cursos de Turismo, formando profissionais conscientes da importância da sustentabilidade. O turismólogo deve entender a responsabilidade social, bem como a cultural, política, ecológica e econômica, como um fator que lhe assegure a empregabilidade

A preocupação com as comunidades locais também é constatada em boa parte das respostas, demonstrando a importância do turismo ser direcionado aos turistas, porém com responsabilidade sobre os demais envolvidos. Krippendorf (2001) demonstra que pode enfadar os moradores de determinada localidade se este não for dirigido com responsabilidade e a partir de um bom planejamento. O autor define o descontentamento destas comunidades para com o turismo como a “revolta dos autóctones”.

Portanto ficam claros os benefícios da responsabilidade social para o turismo e para a sociedade em geral, sendo esta de caráter essencial para o contentamento e a satisfação de todos, respeitando as desigualdades e o espaço de cada um. Tendo esta importância explícita,

o próximo tópico abordará que ações deverão ser levantadas para o alcance do objetivo geral deste trabalho.

#### 2.4.5 Ações para a inclusão da responsabilidade social nos cursos superiores de Turismo

Quando questionados sobre o que poderia ser feito para a inclusão da cultura de responsabilidade social no curso de turismo nas IES, os entrevistados responderam:

**9E** Eu acredito que quando a responsabilidade social é trabalhada apenas de forma teórica fica como uma coisa demagógica, artificial. Eu vejo que vai neste caminho, mas você não pode apenas ver na parte teórica, na manutenção de uma sociedade, de uma cultura, de uma área. Eu acho que tem que ser mais trabalhada na prática, começar a mostrar seus benefícios sociais para a população e seus benefícios profissionais para o mercado e a instituição.

**5E** A responsabilidade social deve ser uma variável analisada em todas as matérias do curso, uma vez que o planejamento e a organização de todos os segmentos turísticos envolve as relações sociais. Não acredito que deva ser uma matéria ou módulo à parte, mas um norteador do desenvolvimento de todas as matérias.

**24E** Acho que tem que falar mais isso na aula, tem uma matéria “Tópicos temáticos” que falam de diversos temas e de atualidades, mas eu acho que tem que ter uma matéria, especialmente para os calouros que estão iniciando, já em relação à responsabilidade social, à comunidade e etc.

**16E** Demonstrar a importância da responsabilidade social nas mais diversas matérias e em cada área de atuação. Penso que uma matéria de “Turismo e responsabilidade social” também pode ser interessante.

Para Musseti (*apud* BOAVA e MACÊDO, 2004, p.116), em atenção à resposta 7N:

A Responsabilidade Social de uma Universidade não implica em transformá-la em Instituição de prestação de serviços assistenciais; porém, implica, necessariamente, num trabalho interativo entre os futuros profissionais que se deseja formar e os imediatos necessitados dos serviços prestados por estes profissionais. Universidade não é asilo, não é creche, não é maternidade, não é fórum, não é hospital etc., mas, inevitavelmente, deve estar compromissada, desde o planejamento de ensino de cada professor, com as causas e soluções dos problemas do asilo, da creche, da maternidade etc.

Portanto, por esta pesquisa foi exposto o pensamento e a vontade dos alunos em relação ao estudo da responsabilidade social no curso de Turismo.

### 3 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Um segmento profissional precisa ter identidade, memória e respeito pela sua categoria. No turismo não é diferente. É notável que vem acontecendo uma grande busca de pesquisadores com um objetivo de explicar e ensinar este fenômeno. São professores, profissionais, pesquisadores e estudantes preocupados em entender e transformar a realidade turística nacional.

Constatou-se neste trabalho que o caminho mais curto para se entender o que é realmente o turismo, e como se originam suas transformações, é o da análise histórico evolutiva da atividade turística em contrapartida com os estudos históricos evolutivos da sociedade e das realidades vigentes. Por este caminho foi possível afirmar que a história do turismo sempre foi “um pequeno resumo” da história da humanidade.

Sendo feito este panorama, foram identificadas, primeiramente a atual abrangência econômica que tem sido dado ao fenômeno turístico e a sociedade em geral, e, uma nova consciência surgida (congressos, declarações, livros) em confronto a esta postura. A reflexão feita e a conclusão a que se foi chegada é que economia é muito importante para o desenvolvimento social, porém, sendo vista como prioridade, ela torna-se predatória.

É possível se reafirmar que o desenvolvimento de um turismo socialmente responsável, economicamente viável e ecologicamente sustentável não pode se desenvolver apenas como uma indústria, e sim como um processo humano, ou seja, um fenômeno social. O equilíbrio destas três esferas é de extrema importância para o desenvolvimento desta atividade, sendo que, as três devem contemplar nada além das necessidades humanas, se desenvolvendo com responsabilidade social.

Visando a facilitação deste processo, este trabalho procurou demonstrar de que maneira se caracteriza a responsabilidade social no turismo e como sensibilizar os bacharéis para esta temática. A fundamentação obtida demonstrou grandes divergências e controvérsias sobre a conceituação do tema, podendo se justificar, portanto, a não importância dada ao mesmo.

Responsabilidade social não se resume em algumas ações filantrópicas, não é sinônimo de filantropia ou ética empresarial. A amplitude desta expressão envolve, não só estes, mas, inúmeros outros conceitos sobre a relação benigna e pacífica do ser humano com a sociedade e da sociedade com o ser humano, sendo portanto, a responsabilidade social uma reunião de valores essenciais a serem incorporadas por todas as pessoas, de todas as atividades, por todas as temporalidades, em todos os lugares.

Delimitando a abrangência do tema para a realidade vivida pelos estudantes dos cursos de turismo, foram estabelecidas as relações: pessoa x aluno; atividade x turismo; período temporal x realidades sociais atuais; lugar x Brasil.

Neste sentido, em busca da valorização desta temática para a atividade turística e estando em consonância com as realidades nacionais decorrentes, o presente trabalho desenvolveu um estudo sobre a responsabilidade social nos cursos superiores de Turismo, visando a sensibilização dos bacharéis. Esta se deu através de uma base teórica seguida de pesquisa qualitativa e aplicação do estudo multicaso na FASSESC, UNICURITIBA e UFPR, podendo servir como modelo para estudos em outras faculdades.

Para isto, primeiramente foi necessária a identificação da importância da responsabilidade social para a atividade turística. Através da reunião dos dados pesquisados (bibliografia, entrevistas, notícias, etc.) esta questão pode e deve ser tratada como de prioridade essencial, sendo que a responsabilidade social não depende do turismo, e sim, o

contrário. Pode se afirmar que, quem não dirige a esse tema o seu devido e necessário valor, é quem não possui o mínimo de conhecimento sobre o mesmo.

Tendo em vista a existência ou não da necessidade citada, apontamento dos aspectos restritivos funcionou como um óleo lubrificante, e dos aspectos impulsionadores como uma válvula de escape para o desenvolvimento desta proposta e o início do levantamento das ações necessárias para o alcance da mesma.

Com as ações a serem tomadas estando enumeradas, as idéias para a constituição deste estudo foram selecionadas e reunidas e colocadas no papel.

É importante ressaltar que este trabalho não visa dar como concluído o tema, podendo ser este apenas um respaldo ou até mesmo um sinalizador para o problema decorrente e para a solução proposta. Portanto, para futuros trabalhos é recomendado a busca abordagens mais aprofundadas a respeito: do fenômeno turístico, sua história e necessidades decorrentes, através de pesquisas nacionais e internacionais; da responsabilidade social e sua fundamentação teórica, para não se eternizar como um tema subjetivo; dos aspectos pedagógicos para ser desenvolvida da melhor maneira a sensibilização e que os alunos possam extrair ao máximo os temas propostos em sala de aula durante a disciplina de Responsabilidade Social; e de como será o perfil desejado e as exigências necessárias para a formação do docente desta disciplina.

É necessário ser dado o reconhecimento a importância do desenvolvimento de trabalhos científicos, sendo estes considerados como contribuições de valor para o ensino e para a sociedade. Neste sentido, a Educação pode ser considerada como o único caminho para o alcance desenvolvimento responsável, ético e justo da humanidade, e por que não, da atividade turística. Por estes trabalhos e pela realização de eventos que amparam as obras destes autores, é que se deve a elaboração deste trabalho de pesquisa.

Desta maneira, portanto, através do processo da teoria sendo aplicada na prática, da elaboração de propostas concretas e ações fundamentadas para serem apresentadas a quem couber apreciá-las, será possível ser dado ao turismo com responsabilidade social o seu devido e necessário valor.



## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Ana Flávia Leite e; PAIVA, Andreone Fidalgo. Multidisciplinaridade/ Interdisciplinaridade do Turismo Trabalhada em Torno da Visão Sistêmica em Prol de Práticas de Responsabilidade Social. In: CBTUR, XXIII, 2003. Recife. **Turismo com responsabilidade social**. São Paulo: Roca, 2004. 178-194.

ANDERLE, Jacó. **Direitos Humanos e Cidadania**: apontamentos para exposição. Florianópolis: Escola de Governo e Cidadania, 2005.

ARAÚJO, Cíntia Möller. **Ética e qualidade no Turismo do Brasil**. São Paulo: Atlas, 2003.

AULETE, Caldas. **Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1980. 5 v.

AVENA, Daniella Tebar; ROSSETTI, Fabrizia. Desafio de Ensinar Turismo com Responsabilidade Social: Um Relato de Experiência. In: CBTUR, XXIII, 2003. Recife. **Turismo com responsabilidade social**. São Paulo: Roca, 2004. 234 - 244

BAHL, Miguel. Org. **Turismo com responsabilidade social**: (coletânea do XXIII CBTUR: 2003: Recife, PE), São Paulo: Roca, 2004. Anais.

BARRETO, Margarita. **Manual de Iniciação ao Estudo do Turismo**. Campinas: Papirus, 1995.

\_\_\_\_\_, Margarita. **Planejamento Responsável do Turismo**. Campinas: Papirus, 2005.

BECKER, Lauro da Silva. O Professor e as Funções de Ensino e Pesquisa na Universidade. In: MIKOWSKI, Tadeu C. Org. **Qual é mesmo a nossa profissão?** Blumenau: Ed. da FURB, 1995.

BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 7.ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2002.

BERNHARDT, Aroldo. O Papel do Administrador Frente ao Turismo. In: MOSER, Giancarlo; MÜLLER, A. Sálvio. (org). **Sociologia Aplicada ao Turismo: Subsídio para Estudos**. Indaial: Asselvi, 2001.

BOAVA, Diego Luiz Teixeira; MACÊDO, Fernanda Maria Felício. Estudo de Caso: Responsabilidade Social no Curso de Turismo da UFOP. In: CBTUR, XXIII, 2003. Recife. **Turismo com responsabilidade social**. São Paulo: Roca, 2004. 113-122.

CASTRO, Alessandro Dias de; BORGES, Cristiano Araújo; ABREU, Marcelo Henrique Amorim. Análise Sociológica, Planejamento e Turismo com Responsabilidade Social – Estudo de Caso de Lavras Novas, Ouro Preto/MG. In: CBTUR, XXIII, 2003. Recife. **Turismo com responsabilidade social**. São Paulo: Roca, 2004. 317 – 338.

DE LA TORRE, Oscar. **El turismo: fenômeno social**. México: Fondo de Cultura Econômica, 1994.

DENKER, Ana de Freitas Maneti. **Métodos e Técnicas de pesquisa em turismo**. São Paulo: Futura, 1998.

DIAS, Reinaldo. **Sociologia do Turismo**. São Paulo: Atlas, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: buscando os saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

IRVING, M.A. **Turismo: o desafio da sustentabilidade**. São Paulo: Futura, 2002.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do Turismo**. São Paulo: Aleph, 2001.

LAGE, B. H. G.; MILONE, P. C. **Economia do Turismo**. Campinas: Papyrus, 1991.

LEMOS, Leandro. **Turismo: que negócio é esse? Uma análise da economia do turismo**. 3.ed. Campinas: Papyrus, 2001.

LITWINSKI, Patrícia; CARNEIRO, Paula Beatriz. Turismo e Responsabilidade Social: Valorização Cultural. In: CBTUR, XXIII, 2003. Recife. **Turismo com responsabilidade social**. São Paulo: Roca, 2004. 563-574.

LÚCIO, Clemente Ganz. **Diagnóstico da Exclusão Social: Desigualdade e pobreza no Brasil**. São Paulo. Escola de Governo e Cidadania: 2005.

LUKIANCHUKI, Cláudia. **Do Turismo Fast Food ao Turismo com Responsabilidade Social**. Disponível em: <<http://www.cefetsp.br/edu/sinergia/6p2c.html>>. Acesso em Setembro de 2005.

LUZ, Sarah de Andrade. Responsabilidade Social e Ética nos Cursos de Graduação em Turismo das Instituições de Ensino Superior de Belo Horizonte. In: CBTUR, XXIII, 2003. Recife. **Turismo com responsabilidade social**. São Paulo: Roca, 2004. 96-112.

MALERBA, Rafaela Câmara; HIRAO, Silvia; ALLIS, Thiago. Rosa dos Ventos: Turismo Socioeducativo como Experiência de Extensão do Curso de Turismo da ECA-USP. In: CBTUR, XXIII, 2003. Recife. **Turismo com responsabilidade social**. São Paulo: Roca, 2004. 189-199.

MARQUES, Priscilla Carla Leite. Trabalho de Conclusão de Curso como instrumento de Responsabilidade Social nas Instituições de Ensino: o caso do TCC dos alunos do Curso Técnico em Turismo e Hotelaria da Escola Agrotécnica Federal de Barretos. In: CBTUR, XXIII, 2003. Recife. **Turismo com responsabilidade social**. São Paulo: Roca, 2004. 259-266.

MATIAS, Marlene. **Turismo: Formação e Profissionalização, 30 anos de história**. Barueri: Manole, 2002.

MENDONÇA, Teresa Cristina de Miranda ; IRVING, Marta de Azevedo. Projeto Turístico de Base Comunitária: Reflexão sobre Participação na Prainha do Canto Verde. In: CBTUR, XXIII, 2003. Recife. **Turismo com responsabilidade social**. São Paulo: Roca, 2004. 644-656

MOESCH, Marutschka. **A produção do saber turístico**. São Paulo: Contexto, 2002.

\_\_\_\_\_, Marutschka. O Fazer-saber turístico: possibilidades e limites de superação. In: GASTAL, Susana. Org. **Turismo: 9 propostas para um saber-fazer**. 2ª edição. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. (Coleção Comunicação, 4).

MOLINA, Sergio. **O Pós-turismo**. São Paulo: Aleph, 2003.

MONTENEGRO, Érika; ALEXANDRE, Carlos. **Desigualdades Sociais no Distrito Federal**. Correio Braziliense. Distrito Federal: 14 de Julho de 2002.

MONTORO, Tânia Siqueira. Agenda 21 do Turismo: a construção do imaginário convocante. In: **Cultura do turismo: desafios e práticas socioambientais**, vol. 1, Brasília: Thesaurus, 2003.

MORAES, Cláudia Corrêa de Almeida. Responsabilidade Social: Turismo e Meio Ambiente Estudo de Caso – Guias Philips do Brasil. In: CBTUR, XXIII, 2003. Recife. **Turismo com responsabilidade social**. São Paulo: Roca, 2004. 15- 26.

MORAES, Meriene Santos de. **Responsabilidade Social para o Desenvolvimento Sustentável do Turismo**. 98f. Monografia (Bacharelado em Turismo) – Faculdades Integradas ASSESC, Florianópolis, 2004.

MORÍN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

MOSER, Giancarlo; MÜLLER, A. Sálvio. (org). **Sociologia Aplicada ao Turismo: Subsídio para Estudos**. Indaial: Asselvi, 2001.

MURPHY, Peter E. Turismo e desenvolvimento sustentado. In: THEOBALD, William F. **Turismo Global**. São Paulo: Senac São Paulo, 2001.

NEGREIROS, Cláudia Valéria Sousa; SILVA, Rildo Dias da. Implementação de Estágio Supervisionado sob a Ótica da Autonomia e da Responsabilidade Social. In: CBTUR, XXIII, 2003. Recife. **Turismo com responsabilidade social**. São Paulo: Roca, 2004. 245-258.

NETTO, Alexandre Panosso. TRIGO, Luiz Gonzaga Godói. **Reflexões sobre um novo turismo: política, ciência e sociedade**. São Paulo: Aleph, 2003.

OMT. Organização Mundial do Turismo. **Desenvolvimento do turismo sustentável: manual para organizadores locais**. Disponível em: <[www.turismologia.com.br](http://www.turismologia.com.br)> Acesso em Abril de 2005.

PINTO, Paulo Moreira; CAMPOS, Raul Ivan Raiol de. Educação Patrimonial, Turismo Sustentável e Responsabilidade Social. In: CBTUR, XXIII, 2003. Recife. **Turismo com responsabilidade social**. São Paulo: Roca, 2004. 572-585.

POCHMANN, Márcio. **Atlas da exclusão social**. Vol. 5. São Paulo: UNICAMP, 2005.

REJOWSKI, Mirian. Org; SOLHA, Karina Toledo. Turismo em um cenário de mudanças. In: **Turismo no Percurso do Tempo**. São Paulo: Aleph, 2002.

\_\_\_\_\_, Mirian. Org; YASOSHIMA, José Roberto; STIGLIANO, Beatriz Veroneze; OLIVEIRA, Adalgiso Silva. Desenvolvimento do Turismo Moderno. In: **Turismo no Percurso do Tempo**. São Paulo: Aleph, 2002.

RIBEIRO, D. **O Brasil como Problema**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

ROESCH, Sylvia Maria Azevedo. **Projetos de estágio do curso de administração**: guia para pesquisas, projetos, estágios e trabalhos de conclusão de curso. São Paulo: Atlas, 1996.

ROMANI, Graziela; MOREIRA, Jasmine Cardozo. Integração Social: Surdos, Profissionais de Turismo e Aprendizado da Língua de Sinais. In: CBTUR, XXIII, 2003. Recife. **Turismo com responsabilidade social**. São Paulo: Roca, 2004. 769-777.

RÓS, Saulo Neves Castro Da. Inovações ao Ensino Superior de Turismo no Pantanal com ênfase na sustentabilidade. In: Simpósio sobre recursos naturais e sócio-econômicos do Pantanal – SIMPAN, 4., 2004, Corumbá. **Anais...** Corumbá: UFMS, 2004 1 CD ROOM.

\_\_\_\_\_, Saulo Neves Castro Da; JÚNIOR, Pedro Paulo Andrade. A Responsabilidade Social para o Futuro do Turismo. In: Seminário de Turismo e Hotelaria – SETHO, 3., 2005, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ABIH. 2005 1 SITE.

\_\_\_\_\_, Saulo Neves Castro Da; JÚNIOR, Pedro Paulo Andrade. O Ensino do Turismo com Responsabilidade Social. In: Semana Paranaense de Turismo – SEPATUR, 12., 2005, Curitiba. **Anais...** Curitiba: UFPR, 2005 1 SITE.

SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce. Desenvolvimento Sustentável e Turismo: um novo estilo de desenvolvimento que promove a atividade turística sustentável. In: MOSER, Giancarlo. MÜLLER, A. Sálvio. (org). **Sociologia Aplicada ao Turismo: Subsídio para Estudos**. Indaial: Asselvi, 2001.

SILVA, Vera Lúcia de Souza e. Educação para o Turismo: espaço de ser, saber e viver. In: MOSER, Giancarlo. MÜLLER, A. Sálvio. (org). **Sociologia Aplicada ao Turismo: Subsídio para Estudos**. Indaial: Asselvi, 2001.

SOLHA, Karina Toledo. Evolução do Turismo no Brasil. In: REJOWSKI, Mirian. Org. **Turismo no Percurso do Tempo**. São Paulo: Aleph, 2002.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godói. **Manual de iniciação ao estudo do Turismo**. São Paulo: Papirus, 2000.

UENOYAMA, Rosangela Harue Sakurai. Desenvolvimento do Turismo com Responsabilidade Social. In: CBTUR, XXIII, 2003. Recife. **Turismo com responsabilidade social**. São Paulo: Roca, 2004. 3-14.

XAVIER, Herbe. Incorporação da Dimensão Social na Formação do Profissional em Turismo. In: CBTUR, XXIII, 2003. Recife. **Turismo com responsabilidade social**. São Paulo: Roca, 2004. 84-95.

YASOSHIMA, José Roberto; OLIVEIRA, Nadja da Silva. Antecedentes das Viagens e do Turismo. In: REJOWSKI, Mirian. Org. **Turismo no Percurso do Tempo**. São Paulo: Aleph, 2002.

ZERMANI, Bruno Belli; CRUZ, Marcos Barbosa da; WÖHLHE, Marina. Turismo e Portadores de Necessidades Especiais: Relatos de Experiência “Colônia de Férias Especiais Tempo Feliz” – Balneário Camboriú/SC. In: CBTUR, XXIII, 2003. Recife. **Turismo com responsabilidade social**. São Paulo: Roca, 2004. 778-785.

## **ANEXOS**

## **ANEXO A – Roteiro de Entrevistas**

**A-** Como você avalia o estudo da responsabilidade social no turismo?

**B-** Qual é a importância da cultura de responsabilidade social no Curso de Turismo para o desenvolvimento sustentável da atividade turística?

**C-** Quais as dificuldades que se tem para o fortalecimento de uma cultura de responsabilidade social nas Instituições de Ensino Superior?

**D-** Quais são os aspectos impulsionadores na prática da responsabilidade social para os Cursos de Turismo em IES?

**E-** Na sua opinião, o que pode ser feito e de que maneira deve ser incluída a cultura de responsabilidade social no Curso de Turismo nas IES?